



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS - CCBSA**  
**DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**REBECA SOUZA RABÊLO**

**O POPULISMO DE TRUMP: A UTILIZAÇÃO DO TWITTER PARA A**  
**CONSTRUÇÃO DE UMA PLATAFORMA POLÍTICA DE DIREITA RADICAL**  
**(2015- 2016)**

**JOÃO PESSOA**

**2024**

REBECA SOUZA RABÊLO

**O POPULISMO DE TRUMP: A UTILIZAÇÃO DO TWITTER PARA A  
CONSTRUÇÃO DE UMA PLATAFORMA POLÍTICA DE DIREITA RADICAL  
(2015- 2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Relações Internacionais.

**Área de concentração:** Política  
Internacional

**Orientadora:** Profa. Dra. Cristina Carvalho Pacheco.

**Coorientador:** Prof. Dr. André Mendes Pini

**JOÃO PESSOA**

**2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R114p Rabêlo, Rebeca Souza.

O populismo de Trump [manuscrito] : A utilização do twitter para a construção de uma plataforma política de direita radical (2015-2016) / Rebeca Souza Rabêlo. - 2024.  
91 p. : il. colorido.

Digitado. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Cristina Carvalho Pacheco, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. " "Coorientação: Prof. Dr. André Mendes Pini, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Donald Trump. 2. Twitter. 3. Populismo. 4. Segurança ontológica. I. Título

21. ed. CDD 320.973

REBECA SOUZA RABÊLO

**O Populismo de Donald Trump: O Twitter na construção de uma plataforma de  
Populista de Direita Radical (2015-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Aprovada em: 30/08/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CRISTINA CARVALHO PACHECO  
Data: 13/09/2024 11:47:30-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof. Dra. Cristina Carvalho Pacheco (Orientadora)**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANDRÉ MENDES PINI  
Data: 25/09/2024 09:58:35-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof. Dr. André Mendes Pini (Coorientador)**

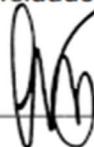
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FABIO RODRIGO FERREIRA NOBRE  
Data: 02/09/2024 11:00:40-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

**Prof. Dr. Thomás de Barros Zicman**

Centre for Political Research of Sciences Po Paris

A Maria Idelma, Caio Túlio, Jacy Magalhães e Mayara Nascimento.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me abençoado. Ao longo desses dois anos de estudo, sou imensamente grata à minha mãe, Maria Idelma, cuja dedicação incansável em cuidar de mim permitiu que eu alcançasse meu máximo potencial. Agradeço também ao meu querido, Caio Tulio, que esteve comigo nos últimos oito anos e sempre abraçou meus maiores sonhos, você é uma das razões pelas quais concluo essa dissertação. Obrigada às minhas amigas, Jacy Magalhães e Mayara Nascimento, que sempre me incentivaram e nunca permitiram que eu duvidasse do meu valor ou capacidade de conquistar tudo o que me propus. Agradeço ao meu primo, Leonardo Otto, que me ajudou quando tive dificuldades com o *script* e me ensinou como a lógica de programação pode salvar vidas.

Gostaria de agradecer aos meus orientadores Dra. Cristina Carvalho Pacheco e Dr. André Mendes Pini por toda dedicação ao longo da pesquisa. Agradeço também ao Dr. Fábio Nobre que me auxiliou com bibliografias e dicas imprescindíveis para pesquisa. Agradeço também ao Dr. Thomás Zicman por aceitar participar da minha banca de defesa e contribuir com minha pesquisa. Agradeço imensamente a equipe do PPPGRI, Síria e Valentim por sempre me ajudarem quando precisei.

Agradeço a CAPES por possibilitar que meu acesso a bolsa de estudos no último ano de ensino do mestrado. Por fim, agradeço aos amigos que fiz em João Pessoa, em especial, Leticia Montenegro, que se tornou uma amiga incrível para mim desde minha experiência como aluna especial. Agradeço também aqueles que precisei deixar em Brasília, mas que estão sempre em meus pensamentos e orações.

*“E nós acreditamos nisso até hoje... O país e seu povo estão com tanto medo de que algo ruim vai acontecer... Que o mal virá, e não irá embora...”*

- Rammstein

## RESUMO

Como a Ultradireita utiliza as redes sociais para construir suas plataformas políticas? A presente dissertação tem como hipótese que Donald Trump utilizou seu perfil nas redes sociais como um instrumento de construção de uma plataforma política Populista de Direita Radical (PDR), por meio da exploração de narrativas populistas, nativistas e autoritárias. Na campanha presidencial de 2015, Donald Trump adotou as plataformas digitais, em especial o *Twitter*, como um canal de comunicação direta com seus eleitores. Nos *tweets* publicados por Trump na época, foi possível identificar uma narrativa que enfatizava que os Estados Unidos passavam por uma crise, em sua maioria associada a elementos anti-imigratórios, xenófobos e nativistas que instigavam uma realidade de insegurança. Os *tweets* emocionalmente carregados de Trump alimentaram essa necessidade ao apresentar uma visão do mundo em que a segurança dos eleitores estaria ameaçada por fatores como imigração, diversidade cultural e mudanças sociais. O marco teórico utilizado na dissertação refere-se à Segurança Ontológica, visto que os *tweets* emocionalmente carregados de Trump alimentaram essa necessidade ao apresentar uma visão do mundo em que a segurança dos eleitores estaria ameaçada por fatores como imigração, diversidade cultural e mudanças sociais. A partir dessa conexão entre a narrativa de crises e a necessidade por uma segurança ontológica, os *tweets* de Trump podem ter desempenhado um papel significativo na formação das opiniões dos eleitores ao capitalizar o medo e a insegurança percebidos para ganhar apoio político, apresentando-se como o líder capaz de restaurar a ordem e proteger os valores tradicionais. Em relação à metodologia, empregou-se métodos de mineração e análise de textos computacionais. No contexto desta pesquisa, a Análise de Componentes Principais (PCA) foi utilizada para reduzir a dimensionalidade dos dados vetorizados dos *tweets*, o que facilita a aplicação do algoritmo de *clustering K-means*. A análise dos *tweets* foi aplicada, utilizando a linguagem de programação *Python*, além do *Jupyter Notebook* para implementar a técnica de análise de conteúdo. Dessa forma, foi possível identificar elementos com características populistas, autoritárias e nativistas nos *tweets* publicados por Trump durante a campanha.

**Palavras-chave:** Donald Trump. Twitter. Populismo. Segurança Ontológica.

## ABSTRACT

How Does the Far-Right Use Social Media to Build Its Political Platforms? This work hypothesizes that Donald Trump used his social media profile as a tool to construct a Radical Right-Wing Populist (RRP) political platform by exploiting populist, nativist, and authoritarian narratives. Throughout the United States 2015 presidential elections, Donald Trump adopted digital platforms, especially Twitter, as a direct communication channel with his voters. In the tweets published by Trump at the time, it was possible to identify a narrative that emphasized the United States was undergoing a crisis, mostly associated with anti-immigration, xenophobic, and nativist elements that fueled a sense of insecurity. Trump's emotionally charged tweets fed this need by presenting a worldview in which voters' security was threatened by factors such as immigration, cultural diversity, and social changes. The theoretical framework used in this dissertation refers to Ontological Security, given that Trump's emotionally charged tweets fed this need by presenting a worldview in which voters' security was threatened by factors such as immigration, cultural diversity, and social changes. Through this connection between the crisis narrative and the need for ontological security, Trump's tweets may have played a significant role in shaping voters opinions by capitalizing on perceived fear and insecurity to gain political support, positioning himself as the leader capable of restoring order and protecting traditional values. Regarding the methodology, computational text mining and analysis methods were employed. In the context of this research, Principal Component Analysis (PCA) is used to reduce the dimensionality of the vectorized tweet data, facilitating the application of the K-means clustering algorithm. The tweet analysis is conducted using the Python programming language and Jupyter Notebook to implement the content analysis technique. This approach made it possible to identify elements with populist, authoritarian, and nativist characteristics in Trump's tweets during the campaign.

**Keywords:** Donald Trump. Twitter. Populism. Ontological Security.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Espectros que envolvem a ideologia dos grupos de Direita.
- Figura 2** - Desenho do Populismo de Direita Radical.
- Figura 3** - Donald Trump sobre o certificado de nascimento de Barack Obama.
- Figura 4** - Donald Trump sobre Ted Cruz ser um cidadão canadense.
- Figura 5** - Donald Trump sobre Ted Cruz ser evangélico e desonesto.
- Figura 6** - Conteúdo pago contra Hillary Clinton divulgado no *Facebook*.
- Figura 8** - Donald Trump *retweeta* meme da Alt-Right.
- Figura 9** – Trump sobre a credibilidade de Hillary Clinton.
- Figura 10** – Donald Trump sobre o que aconteceria com os EUA caso Hillary ganhasse as eleições de 2016.
- Figura 11** – Trump sobre boicote a loja Marcys.
- Figura 12** – Trump sobre boicote a loja Marcy.
- Figura 13** – Trump sobre *o establishment* do partido Republicano.
- Figura 14** – Trump sobre outros candidatos falarem sobre imigração ilegal.
- Figura 15** – Donald Trump sobre a perda de emprego para mexicanos.
- Figura 16** – Palavras mais presentes no cluster sobre nativismo.
- Figura 17** – Palavras mais presentes no cluster sobre autoritarismo.
- Figura 18** – Palavras mais presentes no cluster sobre populismo.

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

**Tabela 1** - Lista de palavras-sementes escolhidas para cada ideologia.

**Gráfico 1** - Mapa dos estados em que os usuários foram alvos de estratégias de *microtargeting* na campanha presidencial de 2016.

**Gráfico 2** – Frequência de *tweets* de Donald Trump por mês ao longo da campanha de 2016.

**Gráfico 3** – Clusterização dos *tweets* de Trump.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**Alt-Right** – Alternative Right

**API** - Application Programming Interface

**EUA** – Estados Unidos

**GOP** – Grand Old Party

**KKK** – Ku Klux Klan

**LGBTQI** - Sigla que representa uma ampla diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais

**PCA** - Análise de Componentes Principais

**PDR** – Populismo de Direita Radical

**TT** – Twitter

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 METODOLOGIA PROPOSTA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Coleta de Dados.....	15
2.2 Pré-processamento.....	15
2.3 Algoritmo de treinamento e modelagem.....	16
2.4 Métricas de avaliação.....	17
2.5 Apresentação dos resultados.....	18
<b>3. O POPULISMO DE DIREITA RADICAL E A BUSCA POR SEGURANÇA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>19</b>
3.1 Além do Eu e do Outro: O que é o populismo no cenário contemporâneo?.....	19
3.1.2 O Populismo de Direita Radical.....	21
3.2 As perspectivas teóricas da Segurança Ontológica.....	25
3.3 O imaginário da segurança populista.....	32
<b>4 A ASCENSÃO DO POPULISMO DE DIREITA RADICAL NOS ESTADOS UNIDOS.....</b>	<b>39</b>
4.1 O contexto político nos Estados Unidos durante a campanha de 2016.....	39
4.2 O uso das plataformas digitais durante a campanha de 2016.....	44
4.3 A propagação do Populismo de Direita Radical no <i>Twitter</i> .....	52
<b>5 TRUMPISMO ONLINE: UMA ANÁLISE DOS <i>TWEETS</i> PRESIDENCIAIS À LUZ DA SEGURANÇA ONTOLÓGICA.....</b>	<b>58</b>
5.1 O Populismo de Direita Radical de Trump.....	58
5.2 Trump no <i>Twitter</i> : O agente do caos? .....	63
5.3 Elementos do PDR Trumpista nos <i>tweets</i> : .....	68
5.3.1 Nativismo.....	69
5.3.2 Elementos Autoritários.....	71
5.3.3 Elementos Populistas.....	73
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2015, frente a Trump Tower, em Nova York, Donald Trump, anunciava que concorreria à eleição presidencial de 2016. Ao enfrentar a ex-Secretária de Estado, Hillary Clinton, Trump, foi eleito como o 45º presidente dos Estados Unidos. A eleição representou um marco na história dos Estados Unidos ao expor a insatisfação e frustração dos eleitores com as condições sociais e econômicas na época, o que revelou profundas divisões políticas na sociedade estadunidense (Rahn, 2019). O discurso de Trump ressoou por uma base de apoiadores que estava cansada da política tradicional.

As promessas de Trump, como a construção de um muro na fronteira com o México para controlar a imigração, a renegociação de acordos comerciais desfavoráveis aos EUA e a revogação do *Affordable Care Act*, conhecido como Obamacare, sistema de saúde implementado por seu antecessor, Barack Obama (Roberts, 2023; Farias, Casarões, Magalhães, 2022) foram algumas das promessas que mais chamaram a atenção dos eleitores preocupados com questões econômicas, segurança e culturais. A plataforma política de Trump durante a campanha foi notável por sua promessa de "tornar a América grande novamente". Trump posicionou-se como um *outsider*, alguém que desafiaria o *establishment* político tradicional para atender às necessidades e preocupações da população comum.

Desde o anúncio de sua campanha presidencial, em junho de 2015, Donald Trump utilizou as principais mídias sociais como o *Twitter*, *Facebook* e *Youtube* para construir um canal de comunicação direto com a sua base de eleitores e driblar os canais das mídias tradicionais. Dessa forma, dedicou cerca de 44% do orçamento da campanha eleitoral para divulgação de propagandas nas mídias digitais (Ayres Pinto, Moraes, 2020). O uso crescente das plataformas digitais na política representa uma transformação significativa na dinâmica da comunicação entre eleitor e políticos, pois proporcionam a criação de vínculos sem imposições hierárquicas.

Esta mudança é destacada por autores como Guedes (2013), Carvalho (2017) e Fisher (2023), que reconhecem o impacto dessa transformação na promoção de uma certa equidade no cenário político. Ao adotar as plataformas digitais, os políticos têm a oportunidade de se conectar e interagir diretamente com o público, o que possibilita que as mensagens políticas alcancem um público mais amplo. Dessa forma, as variadas categorias de plataformas digitais ajudam no compartilhamento e troca de informações, além de facilitar o estabelecimento de conexões emocionais.

Em publicação feita no dia 10 de agosto de 2015, Trump escreveu o seguinte *tweet*: “Precisamos acabar com a máquina de crimes e mortes que é a imigração ilegal. Os problemas desenfreados só vão piorar. Recupere nosso país!” (@realdonaldtrump, 2015)<sup>1</sup>. O *tweet* teve 3.567 *retweets*<sup>2</sup> e foi favoritado por 7.467 pessoas. De acordo com Hutchison (2020) foi por meio de discursos parecidos com o do *tweet* acima que Trump conseguiu persuadir os eleitores, principalmente os de origem branca, de que os Estados Unidos enfrentavam uma crise, tanto na fronteira sul quanto no interior do país.

Mensagens como essas despertam a necessidade de segurança ontológica nos eleitores, visto que narrativas de crise podem remover o senso de estabilidade dos indivíduos e da sociedade em si (Homolar, Scholz, 2019). Do ponto de vista de Steele (2008), Kinnvall (2004; 2018), Mitzen (2006), Steele e Homolar (2019), o conceito de segurança ontológica remete a um senso fundamental de estabilidade e continuidade na existência de um indivíduo. Em um nível mais amplo, é a sensação de segurança sobre a ordem e a previsibilidade do mundo ao nosso redor. Essa segurança não está apenas ligada à segurança física, mas também à segurança existencial e à compreensão do significado da própria identidade. Assim, torna-se crucial analisar como o discurso político pode influenciar a construção da segurança ontológica dos indivíduos.

Dessa forma, em uma análise preliminar dos conteúdos publicados por Trump no *Twitter* é possível notar que, para o candidato, os EUA enfrentavam um estado de crise, o que intensificou um sentimento de ansiedade e medo nos eleitores. As postagens de Trump frequentemente abordavam questões sensíveis, como imigração, nacionalismo e segurança, que ressoavam com uma base de apoiadores que se sentia marginalizada e buscava uma figura política que os representassem. Para Homolar e Scholz (2019), os discursos de Trump não apenas ecoaram a percepção de muitos eleitores, mas também contribuíram para a amplificação desse sentimento de insegurança ao destacar preocupações e inquietações que eram compartilhadas por uma parte significativa da população.

Ao enfatizar a ideia de que os Estados Unidos sofriam com uma crise econômica e social, Trump conseguiu moldar a narrativa pública e influenciar a percepção coletiva sobre o estado atual do país. A maior vantagem de Trump no *Twitter*, foi conseguir

---

<sup>1</sup> Do original: “*We must stop the crime and killing machine that is illegal immigration. Rampant problems will only get worse. Take back our country!*” (@realdonaldtrump, 2015).

<sup>2</sup> *Retweet* é o ato de compartilhar o *tweet* de outra pessoa com seus próprios seguidores, o que ajuda a espalhar a mensagem original para um público mais amplo.

estabelecer inimigos e oponentes que agiam contra os valores estadunidenses para seus seguidores, além de explorar que era um alvo de perseguição da mídia *mainstreaming*. Assim, Stolee e Caton (2018) explicam que foi por meio da exploração das inseguranças identitárias, econômicas e culturais dos cidadãos estadunidenses, que Trump adotou uma abordagem baseada no Populismo de Direita Radical (PDR) durante sua campanha, ao alimentar a polarização política e aprofundar as divisões existentes na sociedade.

Desse modo, busca-se responder na dissertação a seguinte pergunta: **Como a Ultradireita utiliza as redes sociais para construir suas plataformas políticas?** Parte-se da hipótese que Donald Trump utilizou seu perfil nas redes sociais como um instrumento de construção de uma plataforma política Populista de Direita Radical (PDR), por meio da exploração de narrativas populistas, nativistas e autoritárias. A presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar a relação entre as mensagens de Trump no *Twitter* na construção do fenômeno político conhecido como "PDR Trumpista". E com os seguintes objetivos específicos: a) compreender como as preocupações com a segurança ontológica foram mobilizadas de maneira estratégica para construir a base de apoio de político de Donald Trump; b) identificar acontecimentos e mudanças sociais que moldaram o contexto em que o Populismo de Direita Radical emergiu e se consolidou na figura de Donald Trump e c) analisar o conteúdo dos *tweets* de Donald Trump para identificar elementos nativista, autoritarista e populista à luz da teoria da segurança ontológica.

## 2 METODOLOGIA PROPOSTA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, fundamentada em métodos e técnicas computacionais (Pezzini, 2016; Anandarajan, Hill, Nolan, 2019; Krippendorff, 2018). Neste contexto, a pesquisa adota a perspectiva de Krippendorff (2018) que trabalha com métodos e técnicas de mineração e análise de texto para análise de conteúdo. Segundo o autor, a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa qualitativa que permite a interpretação sistemática de textos por meio da codificação e categorização de temas.

Assim, dada a natureza dedutiva da pesquisa, técnicas de aprendizado de máquina como o algoritmo de *clustering* K-means e a Análise de Componentes Principais (PCA) são empregadas para investigar os *tweets* de Donald Trump, ao focar em identificar conteúdos nativistas, populistas e autoritários. Essa abordagem permite interpretar como o comportamento de Trump no *Twitter* contribuiu para a construção da Plataforma de Direita Radical Trumpista no contexto político de 2016.

Sendo assim, a análise dos *tweets* foi realizada no *Jupyter Notebook*, usando a linguagem de programação Python e suas bibliotecas para manipulação de dados e visualização. Em suma, a pesquisa também conta o uso de fontes secundárias como os *tweets* publicados por Trump disponibilizados no banco de dados dentro do recorte temporal, além de literaturas concernentes ao tema.

## 2.1 Coleta de dados<sup>3</sup>

Foi escolhido utilizar a base de dados disponibilizada na plataforma do *GitHub*<sup>4</sup>, visto que, para coletar os *tweets* diretamente da plataforma do *Twitter* seria necessário utilizar uma API<sup>5</sup> que só permite coletar os últimos três mil *tweets* de Donald Trump, o que não contempla o espaço temporal da pesquisa. O repositório, criado pelo pesquisador Mark Huang<sup>6</sup>, contém o total de 31.250 *tweets* publicados por Trump entre 4 de maio de 2009 até 8 de janeiro de 2021, data em que o *Twitter* suspendeu a conta oficial de Trump. Estão inclusos os conteúdos que já foram apagados da plataforma. Para esta pesquisa foram utilizados os *tweets* publicados por Donald Trump desde o dia 16 de junho de 2015, data do lançamento da campanha, até o dia da eleição, 8 de novembro de 2016, dentro deste recorte temporal foram contabilizados 7.619 *tweets*.

## 2.2 Processamento de dados

O pré-processamento de dados é a etapa na qual os dados são adequadamente preparados para análises. Foi utilizada a biblioteca *Pandas* que permite transformar dados não estruturados em dados tabulares, a filtragem, agregação e limpeza dos dados. Também foi utilizado o Módulo *RE* para realizar operações de busca e manipulação de padrões de texto usando expressões regulares. Assim, foram removidos também caracteres especiais, *URL's* dos *tweets*, menções, além da padronização para converter todas as letras para minúsculas, o que garante que as análises não sejam sensíveis às letras

---

<sup>3</sup> A descrição dos *scripts* utilizados e o banco de dados estão disponíveis para replicação no site: <https://github.com/rbcar>

<sup>4</sup> O *GitHub* é uma plataforma *online* baseada que permite a colaboração e o armazenamento de código-fonte de projetos de *software*. Além de ter a possibilidade da criação de repositórios para hospedar projetos. Um repositório é um local onde todo o código, documentação e arquivos relacionados a um projeto são armazenados.

<sup>5</sup> Uma *Application Programming Interface* (API) é uma interface de programação de aplicativos que permite aos desenvolvedores acessarem e interagir com os recursos e dados do *Twitter*, por exemplo. Uma API oferece uma variedade de funcionalidades para criar aplicativos que possam ler, escrever e manipular *tweets*, perfis de usuários e tendências.

<sup>6</sup> Trump *Twitter Archives*: <https://github.com/MarkHershey/CompleteTrumpTweetsArchive>

maiúsculas e minúsculas. Dessa forma, o pré-processamento visa tornar os dados mais adequados para análise, ao remover ruídos, padronizar formatos e organizar as informações de maneira útil.

### 2.3 Algoritmo de treinamento e modelagem

No contexto desta pesquisa, a Análise de Componentes Principais (PCA) foi utilizada para reduzir a dimensionalidade dos dados vetorizados dos *tweets*, o que facilita a aplicação do algoritmo de *clustering* K-means. A PCA é uma técnica estatística usada para simplificar um conjunto de dados de alta dimensionalidade, transformando-o em um conjunto de dados de menor dimensionalidade que ainda retém a maior parte da informação original. Os primeiros componentes principais capturam a maior parte da variância nos dados, o que permite uma visualização mais simples e uma análise mais eficiente (Kaloyanova, 2024).

Já o algoritmo K-means é uma técnica de aprendizado de máquina não supervisionada usada para agrupar dados em K clusters, onde K é um número pré-determinado de grupos. De acordo com Anandarajan *et al.* (2019), o método requer dois *inputs*, que são os números dos clusters, k, e a semente inicial. As sementes iniciais fornecem um ponto de partida em torno do qual o algoritmo de agrupamento formará os clusters. O objetivo do K-means é particionar os dados de forma que os elementos dentro de cada cluster sejam mais semelhantes entre si do que aos elementos de outros clusters.

Para esta pesquisa, foram definidos três *clusters* específicos: 1) Populismo, 2) Nativismo e 3) Autoritarismo. As palavras-chave utilizadas como sementes para definir cada uma dessas ideologias foram cuidadosamente selecionadas para garantir que os clusters formados refletissem com precisão os temas centrais de cada categoria.

**Tabela 1 – Lista de palavras-sementes escolhidas para cada ideologia**

<b>Populismo</b>	<i>Elite, people, corrupt, establishment, common, folk, masses, grassroots, voice, ordinary, citizen, democracy, power.</i>
------------------	---

<b>Nativismo</b>	<i>Immigrant, foreign, border, nationalism, patriotism, culture, heritage, homeland, native, tradition, identity, sovereignty.</i>
<b>Autoritarismo</b>	<i>Law, order, control, power, strong, leader, authority, force, security, discipline, rule, command, regime.</i>

Fonte: Elaboração própria da autora, 2024

## 2.4 Métricas de avaliação

Para avaliar a qualidade dos clusters gerados pelo algoritmo K-means, foram utilizadas duas métricas: a *Silhouette Score* e a *Davies-Bouldin*. A *Silhouette Score*, é uma métrica que avalia a coesão e a separação dos clusters. Para um conjunto de dados com  $n$  pontos considera-se:

$$S = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^n \frac{b(i) - a(i)}{\max\{a(i), b(i)\}}$$

Onde:

$a(i)$  indica a média da distância entre o ponto  $i$  e todos os outros pontos no mesmo cluster.

$b(i)$  indica a menor média da distância entre o ponto  $i$  e todos os pontos em qualquer outro cluster diferente do seu próprio.

Um *Silhouette Score* próximo de +1 indica que o objeto está bem dentro do seu próprio cluster e distante dos clusters vizinhos. Um valor próximo de 0 indica que o objeto está próximo do limite de decisão entre dois clusters e valores negativos indicam que os objetos podem ter sido atribuídos ao cluster errado. Nesta análise, foi obtido um *Silhouette Score* de 0.931, o que indica que os clusters formados são bem definidos e os *tweets* dentro de cada cluster são muito semelhantes entre si, enquanto os clusters diferentes estão bem separados.

Já a métrica *Davies-Bouldin* mede a divisão entre os clusters, com uma pontuação mais baixa indicando uma melhor separação entre os clusters. Para K clusters considere:

$$DB = \frac{1}{K} \sum_{l=1}^K \max_{j \neq i} \left( \frac{S_i + S_j}{D_{ij}} \right)$$

Onde:

$S_i$  analisa a distância média (intra-cluster) para o cluster  $i$ .

$S_j$  analisa a distância média (intra-cluster) para o cluster  $j$ .

$D_{ij}$  mede a distância entre os centroides dos clusters  $i$  e  $j$ .

O resultado da métrica de Davies-Bouldin para este trabalho foi de 0.541. Esse valor sugere uma boa estruturação dos agrupamentos, em que a dispersão dentro de cada cluster é minimizada e a distinção entre clusters diferentes é claramente definida.

## 2.5 Apresentação dos resultados

O trabalho foi organizado da seguinte forma: De caráter teórico, o primeiro capítulo aborda como as preocupações com a segurança ontológica são mobilizadas de maneira estratégica para construir apoio político. Sendo analisado o contexto histórico e teórico do Populismo de Direita Radical, com destaque para o modo como ele responde às ansiedades contemporâneas. No segundo, são investigados os eventos e condições que contribuíram para a emergência do Trumpismo. Ao posicionar o foco nas eleições de 2016, examina-se como o Populismo de Direita Radical ganhou força por meio de mudanças sociais, econômicas e políticas, além do papel central das plataformas digitais nesse processo. Por fim, no terceiro capítulo são analisados os conteúdos dos *tweets* de Donald Trump, com o intuito de identificar elementos populistas, nativistas e autoritários. E sob a ótica da teoria da segurança ontológica, é possível compreender como esses *tweets* contribuíram para a percepção de uma insegurança ontológica em relação ao “jeito americano de ser”, e como isso fortaleceu a base de apoio de Trump.

### **3 O POPULISMO DE DIREITA RADICAL E A BUSCA POR SEGURANÇA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Este capítulo desenvolve o quadro teórico referente aos conceitos que permeiam o populismo, o Populismo de Direita Radical e a busca dos indivíduos por uma segurança ontológica. O objetivo deste capítulo é compreender como as preocupações com a segurança ontológica foram mobilizadas de maneira estratégica para construir a base do apoio político de Donald Trump. Dessa forma, a primeira seção apresenta o conceito do populismo e o Populismo de Direita Radical. Na segunda seção é abordada a teoria da segurança ontológica como algo fundamental para própria existência, identidade e valores do indivíduo. A última parte discute a relação entre o populismo e a segurança, ao debater como Trump construiu sua retórica política em torno da ideia de que os Estados Unidos passavam por um momento de insegurança ontológica.

#### **3.1 Além do Eu e do Outro: O que é o populismo no cenário contemporâneo?**

Ao escutar a palavra populismo, logo vem à mente um estilo político que busca atrair e mobilizar o apoio popular, algumas das associações mais comuns são a presença de um líder carismático que simplifica suas mensagens e luta contra uma elite corrupta. Porém, é preciso lembrar que o populismo pode ter diferentes formatos e interpretações a depender do sistema político em que surge. Logo, faz-se necessário considerar que os movimentos populistas tendem a ser exclusivos da sociedade em que ocorrem (Barros, Lago, 2022).

A partir desta premissa, Canovan (1999) e Mudde (2017) destacam que o populismo pode se manifestar em diferentes contextos e espectros políticos. O termo é utilizado tanto para descrever partidos de orientação de direita na Europa, movimentos de inclinação esquerdista e direitistas na América Latina, quanto para designar aqueles que lutam contra a corrupção na Ásia. Durante as eleições estadunidenses de 2016, o termo foi empregado para caracterizar candidatos tão distintos como Bernie Sanders, representante da esquerda estadunidense, Ted Cruz, representando a direita, e Trump, posicionando-se em uma área intermediária entre a Direita e a Direita Radical (Oliver, Rahn, 2016).

Segundo Bobbio (1997), o populismo pode acontecer tanto no espectro político de esquerda quanto de direita. O populismo de esquerda foca na luta contra desigualdades econômicas e sociais, tendo uma característica mais heterogênea em relação a definição de “povo” (Cleen, 2017; Moffit, 2024). Já o populismo de direita, é muitas vezes baseado

em questões de identidade nacional, pautas anti-imigração e no conservadorismo cultural ao defender que os Estados devem ser habitados exclusivamente por membros do grupo nativo (Mudde, 2017). À vista disso, depreende-se que “há diversos tipos de populismos, muitas vezes separados por um abismo [...] existem discursos populista em maior ou menor grau, que adquirem mais ou menos traços daquilo que se define como populismo” (Barros, Lago, 2022, p. 14, p. 87).

Além disso, nem todos os movimentos populistas são necessariamente prejudiciais, alguns podem mobilizar demandas legítimas por mudança social ou política. No entanto, pesquisadores também apontam que o populismo pode minar a estabilidade democrática ao enfraquecer instituições políticas, promover divisões sociais e simplificar questões complexas de forma perigosa (Vergara, 2019; Barros, Lago, 2022):

[...] o populismo é hoje em dia melhor compreendido como uma forma de política que poderia potencialmente ajudar a radicalizar e aprofundar a democracia, ao aprimorar a inclusão e expandir o escopo da representação, mas também como algo que pode erodir, se não reverter, a democratização quando adota uma compreensão excludente da comunidade política e desenvolve tendências autoritárias. (Stavrakakis, Katsambekis, 2024, p. 2, tradução da autora)<sup>7</sup>

Por ser um termo amplo e visto que novas dimensões políticas com características populistas emergem globalmente, pode haver uma certa vagueza ao tentar classificar movimentos políticos como populistas (Laclau, 2005; Stavrakakis, Katsambekis, 2024). Para evitar que isso ocorra com o objeto pesquisado, este trabalho adota a definição de Barros e Lago (2022, p. 140): “O populismo deve ser visto como forma de mobilização que cria sujeitos políticos. Baseia-se na oposição entre o “povo” e as “elites”, é esteticamente transgressivo, constitui uma força capaz de transformar instituições.”

É importante observar que a definição de “povo”, para o populismo, deve ser interpretada como um sujeito político unificado. Essa identidade coletiva é, muitas vezes, construída em contraposição às “elites”, estabelecendo uma dicotomia entre os interesses do povo e os das classes dominantes, ou os que “estão embaixo” contra os que “estão em cima” (Moffit, 2024; Barros, Lago, 2022). Essa oposição não é limitada apenas ao campo

---

<sup>7</sup> Do original: “Indeed, populism is nowadays better seen as a form of politics that could potentially help radicalize and deepen democracy, when enhancing inclusion and expanding the scope of representation, but also as eroding, if not reversing, democratization when it adopts an exclusionary understanding of the political community and develops authoritarian tendencies (Stavrakakis, Katsambekis, 2024, p. 2).

ideológico, mas permeia as práticas políticas e as narrativas simbólicas utilizadas por líderes populistas.

Inclusive, é preciso ressaltar que o populismo não é apenas uma estratégia retórica, mas uma força política capaz de transformar instituições e reconfigurar o cenário político. Segundo Ostiguy e Moffitt (2021), a abordagem discursiva-performativa e as manifestações do populismo vão além do que é expresso verbalmente ou por escrito, abrange também o que é simbolicamente transmitido por meio da performance. Portanto, ao analisar os movimentos políticos que possuem características populistas, a atenção volta-se não apenas às suas manifestações superficiais, mas também às dinâmicas subjacentes que moldam suas práticas e ideologias. Somente assim é possível compreender o papel do populismo na política contemporânea e suas implicações para a democracia e a sociedade como um todo.

Os elementos apresentados acima permitem compreender os aspectos que contribuem para o Populismo de Direita Radical, exemplificado por figuras como Donald Trump. Esse tipo de populismo não apenas mobiliza apoio popular em torno de uma narrativa antielitista, mas também desafia as estruturas de poder estabelecidas e busca transformar instituições. Sendo assim, o próximo tópico aborda o conceito e os mecanismos do Populismo de Direita Radical.

### **3.1.2 O Populismo de Direita Radical**

Em 2002, Paul Taggart argumentou que havia uma certa revitalização do populismo na Europa. Esse “novo populismo” foi fundamental para que políticos de direita em diversos regimes liberais democráticos conseguissem incluir ideologias e ideias da Ultradireita<sup>8</sup> em seus partidos (Taggart, 2002). O populismo contemporâneo pode ser evidenciado por eventos significativos como o *Brexit*, no Reino Unido e a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, em 2016 (Brown, 2021; Berman, 2021; Inglehart, Norris, 2016). Dessa forma, a fim de compreender toda a essência do Populismo de Direita Radical (PDR) é preciso analisar as características que envolvem a Ultradireita, a Extrema Direita e a Direita Radical.

A Ultradireita é uma das mudanças políticas mais significativas no cenário contemporâneo, pois, ideias que antes eram consideradas extremas foram sendo

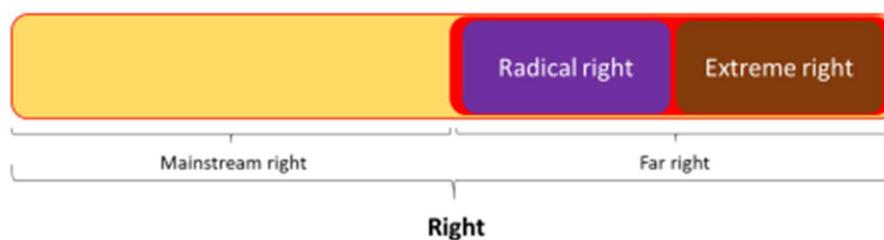
---

<sup>8</sup> É preciso ressaltar que o termo Ultradireita é amplo e pode abranger uma variedade de grupos e ideologias. Nem todos os segmentos da Ultradireita, principalmente nos Estados Unidos, compartilham as mesmas visões e prioridades, mas o patriotismo, a proteção da identidade e a resistência à globalização tornaram-se temas centrais para muitos desses grupos.

progressivamente aceitas na arena política, como as suspeitas sobre a mídia tradicional, as questões que envolvem minorias étnicas e imigrantes, o direito das mulheres e os direitos das pessoas LGBTQI+ (Åkerlund, 2022). Portanto, a Ultradireita pode ser entendida como uma estrutura social hierárquica que estabelece distinções entre diferentes grupos na sociedade, separando-os com base em critérios étnicos ou raciais, por exemplo (Pini, 2021).

Dois termos que fazem parte do espectro da Ultradireita são Extrema Direita e a Direita Radical como mostra a figura 1. A maior diferença entre os dois se dá por meio da relação de ambos com a democracia (Mudde, 2018; Pini, 2021):

**Figura 1 -Espectros que envolvem a ideologia dos grupos de Direita**



Fonte: Roberts, 2023, p. 6.

A Extrema Direita rejeita a ideia da crença na soberania popular, ou seja, os indivíduos não são iguais, e seus líderes teriam um papel quase que divino na condução da sociedade. A Extrema Direita é um espectro que pode ser encontrado em aristocracias e teocracias, tendo como subgrupo característico o fascismo, como uma vertente oposta à democracia (Mudde, 2016). Conforme explica Eatwell (2016), a Extrema Direita pode ser caracterizada por: 1) a legitimação de percepções extremistas, 2) o aumento da eficácia pessoal e 3) declínio da confiança política. Para Brown, Mondon e Winter (2021) um dos aspectos mais importantes da Extrema Direita é seu sucesso eleitoral, visto que as ideias que antes eram consideradas marginais à política, passaram a ser incorporadas por partidos de direita *mainstream*.

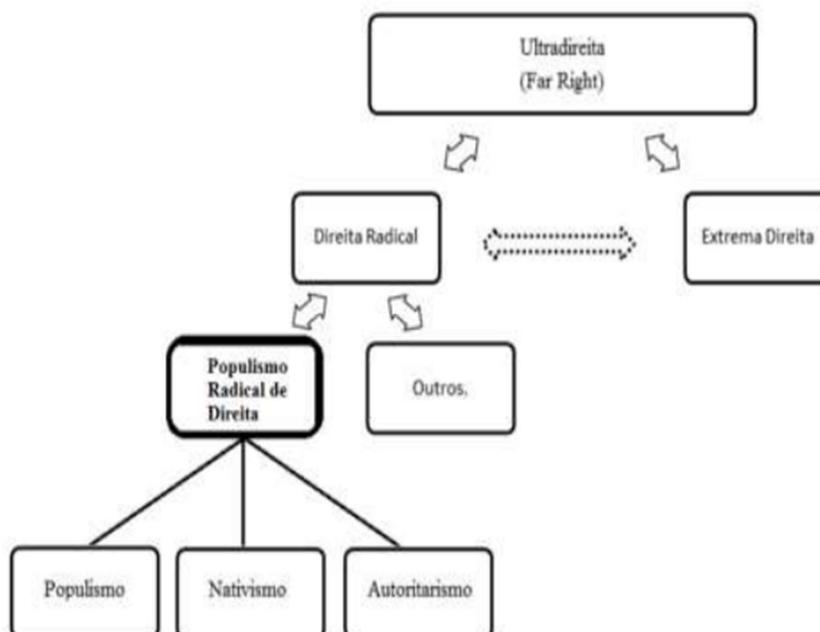
Por sua vez, a Direita Radical faz oposição à democracia liberal e mostra-se contra o pluralismo político e os direitos de minorias, por exemplo (Mudde, 2018). Além disso, Kitschelt e McGann (2016) argumentam que a Direita Radical possui características autoritárias, tendo como elemento central o mito de uma nação homogênea: “[...] o mito nacionalista é caracterizado pelo esforço de construir uma ideia de nação e pertencimento nacional, radicalizando critérios étnicos, religiosos, culturais e políticos de exclusão, e

condensar a ideia de nação em uma imagem de extrema homogeneidade coletiva” (Minkenberg, 2014, p. 514)<sup>9</sup>.

Dentro desta perspectiva a Direita Radical possui um subgrupo, o Populismo de Direita Radical (PDR). O PDR é um fenômeno político que tem emergido como uma força influente nas últimas décadas que combina elementos como o nativismo, autoritarismo e populismo (Mudde, 2017). Compreendido como uma variante de populismo que tende à exclusão dos que não fazem parte, esse tipo de populismo direciona-se a questões socioculturais, como a preservação da identidade nacional e do estilo de vida (Arhin, Stockemer, Normandin, 2023)

Conforme as principais correntes de estudo, foi possível concluir que o PDR surgiu em um cenário facilitado por três crises: os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a crise econômica de 2008 e a crise dos refugiados de 2015 (Pini, 2021; Mudde, 2021; Brown, Mondon, Winter, 2021). O Populismo de Direita Radical está localizado no extremo do espectro político da direita e sua ideologia é baseada a partir de questões sobre imigração, diversidade étnica e na rejeição do pluralismo político (Mudde, 2018; Barquero e Ramos-González, 2021), como mostra a figura abaixo:

**Figura 2 - Desenho do Populismo de Direita Radical**



<sup>9</sup> Do original: “The nationalistic myth is characterized by the effort to construct an idea of nation and national belonging by radicalizing ethnic, religious, cultural, and political criteria of exclusion and to condense the idea of nation into an image of extreme collective homogeneity.” (Minkenberg, 2014, p. 514).

O PDR tem demonstrado habilidade em mobilizar setores do eleitorado descontentes com os valores progressistas associados à modernização cultural (Rydgren, 2007). De acordo com Arhin, Stockemer, Normandin (2023), esta análise corrobora a estratégia dos partidos populistas de direita, que utilizam imigrantes como bodes expiatórios para os problemas nacionais. Ao estabelecer essa dicotomia, eles conseguem justificar seu sentimento anti-imigrante e anti-muçulmano, por exemplo, como uma suposta preocupação com o bem-estar da cultura nacional, o que reforça a narrativa reacionária do PDR em relação à transformação de valores da sociedade.

Como é mostrado na figura 2, o PDR é composto por três correntes ideológicas: o nativismo, o autoritarismo e o populismo. No caso do nativismo, existe uma ênfase referente à importância de proteger a identidade nacional, da soberania e do orgulho patriótico (Bar-On, 2018; Mudde, 2021; 2017). Assim, o nativismo pode influenciar na criação de políticas mais restritivas de imigração, no protecionismo econômico, além de ter uma abordagem cética em relação aos acordos e cooperação no âmbito internacional. Embora o nacionalismo possa unificar os eleitores em torno de uma causa comum, tende a levar à polarização e ao isolacionismo.

Outra categoria fundamental para esta análise, o autoritarismo, tem como base a busca por uma sociedade ordenada. Conforme aponta Mudde (2021), o autoritarismo se manifesta por meio de abordagens rígidas de lei e ordem, com um apelo por mais segurança e uma menor influência política no sistema judiciário. Para muitos políticos e partidos com uma base PDR, o crime e a imigração estão diretamente relacionados.

Por fim, o populismo é descrito como uma “aproximação ideal”, que o coloca como discurso, uma ideologia ou até mesmo uma visão de mundo (Mudde, 2017). Segundo Taggart (2022), líderes populistas costumam ter uma convicção maior a respeito de quem não faz parte de sua base do que em relação àqueles que a compõem. O Populismo de Direita Radical não constitui uma abordagem política uniforme, suas interpretações e manifestações podem variar substancialmente entre países e, até mesmo, entre líderes políticos dentro do mesmo movimento.

Em suma, o PDR representa um fenômeno político intrincado e desafiador, que desafia as convenções das estruturas políticas tradicionais. Ao se aprofundar no caso de Donald Trump, este estudo também visa lançar luz sobre questões cruciais relacionadas à coesão social, à inclusão e exclusão a partir da perspectiva narrada pela segurança

populista. Assim, os próximos dois tópicos deste capítulo abordam sobre a teoria da segurança ontológica e a ideia de segurança a partir do imaginário do Populismo de Direita Radical de Trump.

### 3.2 As perspectivas teóricas da Segurança Ontológica

Na filosofia, a ontologia é o estudo do ser e da existência. A segurança ontológica, portanto, envolve a sensação de certeza ou confiança de que existe uma base sólida para a realidade e o entendimento dela. O que pode se relacionar com a confiança na consistência do mundo físico, nas leis naturais, nas relações interpessoais, ou mesmo na estabilidade de identidades e experiências. Em suma, trata-se da sensação de que o mundo é de alguma forma confiável e estável, fornecendo uma base segura para existência e compreensão do ser humano.

O conceito de segurança ontológica foi fundamentado a partir do trabalho de Robert D. Laing (1960) na psicologia. Na concepção de Laing (1960), para que o indivíduo tenha sua saúde mental preservada, é necessário que também tenha um senso de presença no mundo, a garantia de que viverá de maneira contínua. Ou seja, estar ontologicamente seguro capacita o indivíduo a lidar com todos os desafios da vida, sejam eles sociais, éticos, espirituais ou biológicos ao manter uma firme compreensão da sua própria realidade e identidade (Homolar, Scholz, 2019; Laing, 1960).

A partir dos trabalhos de Laing (1960), é Anthony Giddens (1991) que leva o conceito para área da sociologia. De acordo com Giddens (1991), a segurança ontológica é a segurança do ser e inclui os parâmetros de existências básicos do *self* e de sua identidade social. “A luta do ser contra o não-ser” é a tarefa perpétua do indivíduo, não apenas para “aceitar” a realidade, mas para criar pontos de referência ontológicos como um aspecto integral do “seguir em frente nos contextos da vida cotidiana” (Giddens, 1991, p. 48, tradução da autora)<sup>10</sup>.

A ideia central é de que essa segurança deve ser mantida principalmente por meio da rotina e de narrativas sociais que permitam que o indivíduo tenha familiaridade e previsibilidade da vida cotidiana. Entretanto, Giddens (1991) argumenta que, mesmo na modernidade, em que muitos aspectos da vida são mais controlados e previsíveis em comparação às culturas pré-modernas, a segurança ontológica ainda pode ser frágil, pois

---

<sup>10</sup> Do original: “*The ‘struggle of being against non-being’ is the perpetual task of the individual, not just to ‘accept’ reality, but to create ontological reference points as an integral aspect of ‘going on’ in the contexts of day-to-day life* (Giddens, 1991, p. 48).

determinados indivíduos podem sentir algum grau de vulnerabilidade em relação à sua própria existência.

No campo das Relações Internacionais, essa vulnerabilidade pode surgir de várias maneiras, com mudanças inesperadas na política, crises econômicas, ou devido à percepção de ameaças à estabilidade geral da sociedade. Na noção tradicional das teorias de Relações Internacionais, o conceito de segurança remete à relação entre Estados e como estes devem promover sua sobrevivência em um ambiente hostil (Steele, 2008). Nas correntes pós-positivistas, como o Construtivismo, são as ideias, normas e identidades que moldam os comportamentos dos atores internacionais.<sup>11</sup> Conforme abordado por Zehfuss (2004), a teoria Construtivista argumenta que as ameaças à segurança ontológica, muitas vezes, são construídas socialmente, em vez de serem objetivamente determinadas.

Por exemplo, um país pode perceber uma ameaça à sua identidade nacional não apenas com base em fatores materiais, como força militar, mas também em discursos que questionam sua legitimidade histórica ou cultural. O que, de acordo com Skolimowska (2017), contribui com a análise de aspectos intangíveis da realidade. Dessa forma, a partir dos estudos sobre identidade no construtivismo é possível começar a entender o conceito de segurança ontológica nas RI's, visto que reflete sobre a autoidentidade e as concepções coerentes de uma nação.

O processo de segurança ontológica - um processo que lida com questões como autoidentidade, a criação de significados para ações por meio de uma "narrativa biográfica", como os atores decidem por certas ações para promover uma visão saudável de si mesmos para os outros, como a dialética interna de um Eu dividido ou fragmentado supera (mas nem sempre) a insegurança, e como tudo isso influencia o lugar do eu nacional em um contexto internacional - se presta a uma abordagem interpretativa (Steele, 2018, p. 6, tradução da autora).<sup>12</sup>

Mas Krickel-Choi (2024) ressalta a importância de se evitar um erro recorrente tanto no construtivismo quanto na segurança ontológica, que é utilizar *self* e identidade como sinônimos. O *self* pode ser entendido como uma experiência interna e pessoal de quem se é, a identidade é a manifestação externa e social de como o indivíduo é definido

---

<sup>11</sup> Como existem diferentes vertentes dentro da Teoria Construtivista, e cada uma delas enfatiza diferentes aspectos da construção da realidade social, recomenda-se a leitura do livro "*Constructivism in International Relations: The Politics of Reality*" de Maja Zehfuss.

<sup>12</sup> Do original: "*The ontological security process – a process which deals with matters such as self-identity, the creation of meanings for actions through a “biographical narrative,” how actors decide upon certain actions to promote a healthy vision of the self to others, how the internal dialectic of a divided or severed Self overcomes (but not always) insecurity, and how all of this influences the place of the national self in an international context – lends itself to an interpretive approach* (Steele, 2018, p. 6).

em relação aos outros. Ambos são componentes essenciais da compreensão completa de nós mesmos como indivíduos e como membros da sociedade<sup>13</sup>.

Dito isso, para um Estado a segurança ontológica pode partir da necessidade de uma identidade estável, e que pode ser utilizada para explicar determinadas políticas, especialmente aquelas que não se alinham naturalmente com as concepções tradicionais de segurança como sobrevivência (Rossdale, 2015; Mitzen, 2006). Assim, as dinâmicas entre estabilidade e mudança, crise e normalidade, inclusão e exclusão frequentemente dependem da capacidade dos agentes de manter uma sensação estável de si, evitando a petrificação carregada de insegurança ontológica e construindo rotinas saudáveis sobre as quais devem fundamentar suas identidades.

O termo “insegurança ontológica” refere-se a um estado de desordem, principalmente causado pela globalização e políticas neoliberais, no qual indivíduos ou grupos de pessoas perderam sua âncora estabilizadora, ou seja, seu sentimento de segurança, bem como a capacidade de manter uma narrativa coerente e responder a questões sobre ações e existência (Kinnvall, Mitzen, 2016; Brown, 2018). De acordo com Brown (2018), o clima de medo e insegurança permite que floresça, nas sociedades ocidentais contemporâneas, sentimentos como desejos e preconceitos oriundos da desrealização e da redefinição dos direitos históricos associados, principalmente, à raça e gênero.

A partir da perspectiva de Giddens (1991), autores como Kinnvall e Mitzen (2016) destacam a tendência de trabalhar a definição da segurança ontológica como algo constante, ao invés de um processo de se tornar seguro. Ou seja, a ênfase tem sido em práticas que simplificam emoções para criar uma crença em identidades seguras (segurança como um Estado estável), com atenção especial a narrativas religiosas e nacionalistas:

[...] o foco na (in)segurança entendida como um significante espesso acrescenta uma dimensão emocional importante à abordagem construtivista. Enfatizar a (in)segurança como um componente inerente das relações de poder atualiza a necessidade de uma identidade estável e reconfortante. É provável que essa necessidade seja intensificada em circunstâncias incertas provocadas por forças fora do nosso controle, como a globalização (Kinnvall, 2004, p. 748, tradução da autora)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Para entender mais sobre a diferença entre ambos, recomenda-se a leitura de “*State personhood and ontological security as a framework of existence: moving beyond identity, discovering sovereignty*” por Krickel-Choi (2024).

<sup>14</sup> Do original: “[...] the focus on (in)security understood as a thick signifier adds an important emotional dimension to the constructionist approach. Emphasizing (in)security as an inherent component of power relations actualizes the need for one stable and comforting identity. This need is likely to be heightened in

A partir disso, a segurança ontológica fornece uma alternativa às explicações subjacentes aos dilemas de segurança e conflitos tradicionais na política mundial (Browning, Joenniemi, 2016; Mitze, 2006; Rossdale, 2015), pois os indivíduos também têm um papel dentro dos Estados, precisando construir um sentimento de segurança em relação a quem são e à sua identidade. O "eu" do Estado é formado e preservado por meio de uma narrativa que dá vida a ações previsíveis na política externa. Essas narrativas podem ser perturbadas quando um Estado percebe que suas ações narrativas não refletem mais, ou não são mais refletidas pela sua autopercepção.

Para Soares (2022), a segurança ontológica faz uma crítica a ideia do Estado como ator racional e como objeto único dos estudos de segurança, ao trazer o enfoque para o indivíduo a segurança ontológica se propõe a pensar na relação entre segurança, identidade e *self*. Segundo Steele (2008), quando ocorre esse deslocamento no sentido do *self*, um ator pode procurar restabelecer práticas que possam, novamente, manter de maneira consistente a autoidentidade.

Assim, a segurança ontológica traz uma reflexão sobre a busca por uma segurança existencial ou identitária em níveis mais fundamentais. Desta maneira, é possível concluir que a segurança ontológica está relacionada à necessidade de garantir não apenas a segurança física, mas também a identidade, valores e existência do *self*.

O cerne das literaturas sobre segurança ontológica aponta perspectivas sobre a segurança **do ser** (Steele, 2008), a segurança de **como ser** (Kinnvall, 2004), e a segurança **da identidade e de quem se é** (Mitzen, 2006). Deste modo, a segurança ontológica não deve ser atribuída segurança do corpo, mas sim da identidade, do eu: “[...] o senso subjetivo de quem se é, é o que permite que a pessoa se sinta segura de si mesma, o que permite e motiva a ação e a escolha.” (Mitzen, 2006, p. 344)<sup>15</sup>. Assim, compreende-se que os sentimentos estão intrinsecamente ligados ao contexto político, social e cultural de cada país.

Com base no exposto acima, fica evidente que mudanças demográficas, movimentos migratórios e influências culturais externas são potenciais catalisadores de inseguranças ontológicas, na medida em que desafiam a perpetuação da identidade

---

*uncertain circumstances brought about by forces beyond our control, such as globalization*” (Kinnvall, 2004, p. 748).

<sup>15</sup> Do original: “[...] *The subjective sense of who one is, which enables and motivates action and choice*” (Mitzen, 2006, p.344).

nacional e do *self*. Para Kinnvall e Mitzen (2016), a globalização introduz dinâmicas complexas que impactam a segurança ontológica, visto que a interconexão crescente entre Estados e culturas pode gerar um sentimento de perda de controle sobre o próprio *self* e sua identidade, o que acaba por contribuir para o surgimento de inseguranças.

Mudanças nas relações de poder, hierarquias e normas globais também desempenham um papel significativo nesse cenário. Eventos como ataques terroristas e extremismos ideológicos contribuem para desafiar diretamente a ideia segurança ontológica, especialmente quando os alvos incluem aspectos fundamentais da identidade de uma nação ou comunidade. Isso ocorre em razão da resposta a tais desafios ter, de acordo com Solomon (2011), como base manipulação de narrativas emotivas e disseminação de informações falsas, que acabam por minar a confiança na estabilidade ontológica, gerando incertezas e tensões.

Um ponto em comum abordado nos trabalhos sobre segurança ontológica é o papel da narrativa e da emoção. De acordo com Homolar (2022), a narrativa desempenha um papel crucial na construção de sentido e estabilidade ontológica. Estados e atores internacionais ao elaborar e comunicar suas histórias e identidades moldam a percepção de si mesmos e dos outros. Narrativas coerentes fornecem uma sensação de segurança, enquanto aquelas que desafiam a ordem estabelecida podem desencadear inseguranças (Steele, Homolar, 2019). Já no caso das emoções, Crawford (2014) e Mercer (2014) afirmam que os sentimentos destacam a dimensão interpessoal da emoção e descrevem como as pessoas se importam com questões políticas como poder, *status* e justiça.

Neste contexto, é preciso destacar que narrativa faz referência a uma história ou relato estruturado de eventos, enquanto discurso engloba a expressão articulada de pensamentos e ideias. Enquanto a narrativa foca na sequência de eventos, o discurso concentra-se na apresentação e comunicação de informações e argumentos (Stanley, Jackson, 2016; Miller, 2020). Em resumo, a narrativa é uma forma de contar histórias, enquanto o discurso é a expressão verbal ou escrita de pensamentos e conceitos.

Dessa forma, é importante destacar como as emoções e narrativas são trabalhadas no discurso. As emoções se inserem nos discursos, e funcionam de maneira performativa, sendo governadas e memorizadas, ao se tornarem investimentos inconscientes em construções culturais preexistentes, como a ideia de nação, por exemplo (Salomon, 2015; Koshut *et al*, 2017). Kinnvall e Mitzen (2020) argumentam que, na busca por manter um *status quo*, o discurso pode apresentar elementos como o medo e a ansiedade. E ambos são aversivos e desconfortáveis ao indivíduo:

O fato de que a ansiedade é uma sensação difusa, desagradável e vaga de apreensão que existe antes e relativamente independente de qualquer objeto de ameaça real torna mais difícil manipulá-la. Já as características do medo, no entanto - o fato de ter um objeto definido e sugerir uma urgência temporal para responder - o tornam politicamente atraente. A combinação de identificação e urgência substitui a incerteza. **A partir daqui os líderes têm uma resposta: podem prometer uma cura total erradicando o perigo conhecido** (Kinnvall, Mitzen, 2020, p. 244, tradução da autora)<sup>16</sup>.

Conforme abordado por Kinnvall (2004), quando indivíduos buscam escapar de um estado de insegurança ontológica, eles podem acabar por tentar securitizar a subjetividade. Essas tentativas e os limites em que tais narrativas são viáveis destacam como as histórias que oferecem segurança ontológica estão entrelaçadas em relações de poder. Dessa forma, os argumentos sobre narrativa de Miskimmon, O’Loughlin e Roselle (2014) se tornam efetivos para pensar em como o discurso tem lugar dentro da segurança ontológica. Segundo os autores, uma história começa com uma situação inicial ou uma ordem estabelecida, porém, logo surge um problema que perturba essa ordem. Assim, a resolução subsequente visa restabelecer a ordem, dando à narrativa uma estrutura distintiva que proporciona significado, dessa forma, há uma intersecção entre narrativa e fantasia, especialmente quando se trata da apresentação de um problema (obstáculo) e da promessa de restabelecer a ordem (alcançar a integridade).

Browning e Joenniemi (2016) ressaltam uma problemática relevante nos estudos sobre segurança, que consiste em tentar reduzir a ideia de segurança ontológica somente à preservação da identidade. Em outras palavras, nos processos de securitização projetados para consolidar e “fechar” uma identidade, a estabilidade resultante do "congelamento" das identidades é percebida como o aumento da segurança ontológica. O que pode ser compreendido, a partir dos estudos de Croft (2012), que revelam que o motivo dos processos de securitização clamarem por segurança ontológica e propagarem práticas de insegurança, especialmente por meio de estratégias de discursos antiterroristas ou campanhas políticas, enfatizam a natureza das ameaças. E isso caracteriza a expansão

---

<sup>16</sup> Do original: “*But anxiety and fear are different. Both are strongly aversive, uncomfortable affect states that individuals tend to seek to avoid or resolve. But the fact that anxiety is a ‘diffuse, unpleasant and vague sense of apprehension’ that exists prior to and relatively independent of any given actual threat object makes it trickier to manipulate.*”<sup>23</sup> *Fear’s attributes, however – the fact that it has a defined object and suggests a temporal urgency for responding – make it attractive politically. The combination of identification and urgency replaces uncertainty. From here, leaders have an answer: they can promise a total cure of eradicating the known danger*” (Kinnvall, Mitzen, 2020, p. 244).

de sistemas de vigilância e responsabilidade em toda a sociedade, visto que destroi a confiança social e intensifica o sentimento de apreensão em toda a população.

Para Rosdalle (2017), essa dinâmica revela não apenas os esforços para encontrar estabilidade subjetiva, mas também como tais esforços são moldados por contextos mais amplos de poder e influência. Pois, a tentativa de securitização se manifesta na afirmação da identidade ao longo dos eixos do *self* e do “outro”, o que resulta em uma conquista da segurança ontológica à custa dos “outros”:

A construção de um "outro" abjeto torna-se um meio de securitizar a subjetividade, pois, reduz a ansiedade (e o medo) e aumenta a segurança ontológica. A abjeção é causada por aquilo que perturba a identidade, o sistema ou a ordem, como mudanças traumáticas à luz da globalização. **O abjeto torna-se um ingrediente importante na formação da identidade coletiva quando o familiar "estranho" é repentinamente reconhecido como uma ameaça** (Kinnvall, 2004, p. 753, tradução da autora).<sup>17</sup>

Segundo Homolar (2022), a narrativa persuasiva é responsável por desenvolver repertórios que trazem aspectos securitários que dividem o mundo. As reações à insegurança ontológica decorrente da globalização, fundamentadas no nacionalismo e na religião, apresentam uma resistência enraizada na securitização da subjetividade. Kinnvall (2004), destaca como a construção e reconstrução de símbolos históricos, mitos e traumas escolhidos oferecem crenças alternativas para lidar com a insegurança diária, porém, observa também que quanto mais inclusivas essas crenças são, mais tendem a excluir indivíduos ou grupos não abrangidos por sua definição.

Dessa forma, as "narrativas estratégicas" são ferramentas empregadas por agentes políticos para influenciar e moldar a política global, exercendo impacto significativo na percepção pública e nas relações entre Estados (Homolar, 2022; Solomon, 2015; Widmaier, 2016). Além disso, a análise do papel dessas narrativas na construção de identidade destaca a importância do discurso na formação da autoimagem nacional e na definição das relações com outros estados (Campbell, 1992; Hønneland, 2010; Berenskoetter, 2014). Como as histórias que um país conta sobre si e os outros podem moldar as percepções e as atitudes, a compreensão desses processos narrativos é essencial para entender os mecanismos subjacentes às dinâmicas internacionais.

---

<sup>17</sup> Do original: “*The construction of an abject-other becomes a means to securitize subjectivity as it reduces anxiety and increases ontological security. Abjection is caused by that which disturbs identity, system, or order, such as traumatic changes in the light of globalization. Abject becomes a major ingredient of collective identity formation when the familiar “stranger” is suddenly recognized as a threat*” (Kinnvall, 2004, p. 753).

A partir do contexto apresentado, é possível identificar uma conexão entre populismo e segurança. De acordo com Rahn (2019), a insatisfação generalizada com as instituições políticas existentes estabelece um terreno fértil para o florescimento de movimentos populistas. Soares (2022) aduz que líderes populistas usam narrativas de insegurança como ferramenta para validar suas reivindicações ao poder. Dessa forma, a percepção de falhas no sistema democrático não apenas valida as narrativas populistas sobre a ineficácia das elites, mas também criam um ambiente propício para a aceitação de propostas de mudanças substanciais na arena política.

A retórica populista clama pelo alívio e redenção de um povo que sofre com frustrações e medo (Kinnvall, Mitzen, 2016). Uma narrativa baseada na insegurança ontológica pode ser contraposta e resgatada por meio de visões de um futuro comum. Assim, existe a necessidade de compreender os discursos e narrativas envolvidos em contextos políticos populistas e a percepção emocional destes (Kinnvall, Mitzen, 2016). Ao adotar uma perspectiva de segurança ontológica sobre o populismo, as emoções e a segurança, é preciso estar atento as razões estruturais e afetivas pelas quais indivíduos e grupos experimentam a insegurança ontológica, bem como as respostas emocionais a esses sentimentos, dessa forma, o próximo tópico aborda o imaginário da segurança dentro dos aspectos do Populismo de Direita Radical.

### **3. 3 O imaginário da segurança populista**

Acreditar em que há uma insegurança ontológica demanda um “salto de fé”, ou seja, é preciso crer que o futuro ideal apresentado pelo líder populista seja capaz de aliviar o medo e frustrações do indivíduo de sua situação presente (Arfi, 2020; Kinnvall, Mitzen, 2020). Dessa forma, líderes populistas, ao capitalizarem a insegurança percebida, muitas vezes, propõem medidas assertivas como resposta a desafios complexos (Wojczewski, 2019).

No entanto, essa abordagem nem sempre é traduzida em soluções eficazes. A tendência de simplificar narrativas complexas de segurança tendem a criar lacunas na compreensão das verdadeiras origens dos problemas, assim, a “urgência por certeza” pode facilitar a ideia de uma falsa segurança ontológica entre o “bem” e o “mal”, a nação e o “outro”, por exemplo (Soares, 2022). Assim, explorar a interseção entre o PDR e a segurança é essencial para uma análise abrangente das dinâmicas políticas contemporâneas:

A influência de cenários de crise em nossas decisões eleitorais sugere que nosso impulso de restaurar a segurança ontológica em uma situação de crise é suscetível a promessas de restaurar o que já foi — a uma reelaboração retrospectiva do passado como estável, previsível e reconfortante (Homolar, Scholz, 2019, p. 357, tradução da autora)<sup>18</sup>

O populismo evoca por um passado nostálgico no qual os líderes abordam o medo e mitos sobre a nação, o povo, as instituições e o outro imigrante, e justificam neles os males imaginários da sociedade ocidental (Kinnvall, 2018; Wojczewski, 2019). A retórica populista é caracterizada por narrativas de crise e ameaças existenciais, na busca de preencher o vazio deixado pela perda de instabilidade ontológica. O que vai de encontro com a afirmação de Eberle (2017), visto que, a construção narrativa da realidade e a habilidade de agentes políticos em lidar com um mundo ambíguo e incerto, é fundamental para a formação de identidades nacionais, construção de políticas externas e percepção de ameaças.

Segundo Kaplan (1986) e McBeth *et al* (2007) somente a narrativa pode explicar qual será o curso da ação de desejável e o motivo, ou seja, a narrativa se manifesta de forma visível em crenças políticas. As narrativas não apenas auxiliam na interpretação do mundo pelas pessoas, mas também exercem uma influência significativa em sua atuação em determinados cenários políticos (Miller, 2020).

Ao identificar grupos externos como responsáveis por desafiar a identidade nacional ou cultural, líderes populistas oferecem uma promessa de retorno a um passado percebido como mais seguro e coeso (Steele, Homolar, 2019). Esse tipo de narrativa ressoa particularmente em indivíduos que se sentem marginalizados ou preocupados com as rápidas mudanças sociais em seu país (Pini, 2021). Ao abordar questões como imigração, globalização ou transformações culturais, os líderes populistas apresentam-se como defensores da identidade e valores do *self* que estão sob ameaça.

Conforme a perspectiva de Kinnvall (2018), essa estratégia não apenas fornece uma resposta simplificada às complexidades da insegurança ontológica, mas também estabelece uma conexão emocional com os eleitores que buscam um lugar de pertencimento e estabilidade. A busca por esse "lugar perdido" na segurança ontológica torna-se, uma peça central nos discursos populistas (Löfflmann, 2022; Hameleers, 2017).

---

<sup>18</sup> Do original: “*The influence of crisis settings on our electoral decisions suggests that our drive to restore ontological security in a crisis situation is susceptible to promises of restoring what once was—to a retrospective recasting of the past as stable, predictable and comforting*” (Homolar, Scholz, 2019, p. 357).

Ao prometer restaurar a ordem, esses líderes oferecem uma narrativa que resgata a sensação de continuidade que resiste as mudanças percebidas como disruptivas.

Segundo Kinnvall (2018), líderes populistas conseguem por meio de um discurso emocionado penetrar no imaginário de seus eleitores, ao buscar por símbolos e memórias de uma nação que perdeu seu orgulho, dando um novo significado político de acordo com as atuais necessidades e objetivos políticos: “Nostalgia, nessas descrições, torna-se um meio de orientar ações futuras, ao mesmo tempo, em que constrói uma ilusão de segurança ontológica no presente” (Kinnvall, 2018, p. 3)<sup>19</sup>. Assim, são em períodos de tensão e ansiedade acentuadas na sociedade que discursos e histórias populistas parecem encontrar eco em uma audiência buscando garantir sua existência cotidiana.

As narrativas sobre segurança estabelecem uma conexão discursiva crucial ao abordar os interesses nacionais, a identificação de ameaças específicas e os potenciais riscos no ambiente internacional (Homolar, 2022). Segundo Homolar (2022), líderes populistas dividem o mundo entre protagonistas (nós) e antagonistas (eles), ao lidar com as narrativas de segurança em que a dicotomia herói-vilão tem um papel central na persuasão, representando a tragédia e o triunfo.

Os discursos carregados de emoção têm uma forte influência na percepção pública, porém, a simplificação excessiva pode marginalizar grupos diversos e complexos, enquanto a identificação de "inimigos" pode resultar em uma polarização política:

A influência persuasiva das narrativas de segurança envolvendo heróis e vilões deriva dos efeitos emotivos multifacetados provocados pelo ritmo de suspense gerado pela história, intensificado pelo uso de uma linguagem dualista que promove a identificação com o herói. **Ao estimular um processo cognitivo-emotivo de diferenciação e identificação, essas narrativas alcançam a separação emocional do antagonista e a conexão com o protagonista, evocando sentimentos coletivos de agressão e empatia** (Homolar, 2022, p. 334, tradução da autora).<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Do original: “Nostalgia, in these accounts, becomes a means to guide future action, while constructing an illusion of ontological security in the present” (Kinnvall, 2018, p. 3)

<sup>20</sup> Do original: “*The significant persuasive influence of hero–villain security narratives stems from the multidimensional emotive effects evoked by the suspense-generating rhythm of the story, which is pushed further through dualistic language that fosters processes of hero-identification. By fostering a cognitive-emotive process of differentiation and identification, hero–villain security narratives achieve dissociation with the antagonist and attachment to the protagonist – evoking collective sentiments of both aggression and empathy*” (Homolar, 2022, p. 334).

Essa criação de características distintas dos lados opostos (herói ou vilão), faz com que as narrativas populistas orientem sobre o que a sociedade deve considerar, ao comunicar um “código cultural” que molda a interpretação das informações contidas na narrativa (Homolar, 2022). Apesar de serem abstrações não tangíveis, as dualidades proeminentes nessas narrativas estão intrinsecamente ligadas as experiências passadas, tanto individuais quanto coletivas e desempenham um papel crucial ao incitar o público à ação ao provocar uma experiência afetiva intensa.

Em vista disso, líderes populistas frequentemente promovem uma visão simplificada do passado, sugerindo um retorno a uma era percebida como mais segura e autêntica. Essa abordagem pode criar uma narrativa que apela à nostalgia por uma identidade cultural supostamente perdida, reforçando a ideia de uma comunidade homogênea e estável (Steele, Homolar, 2019). A construção de uma "identidade idealizada" busca oferecer aos seguidores uma sensação de continuidade, estabilidade e pertencimento. No entanto, essa busca por segurança ontológica no populismo não é apenas uma estratégia política, visto que pode ter implicações éticas e sociais significativas, ao simplificar a complexidade das identidades individuais e coletivas, o populismo pode promover visões exclusivistas e marginalizar aqueles que não se encaixam na narrativa dominante.

De acordo com Steele e Homolar (2019), líderes populistas constroem narrativas que destacam ameaças percebidas à identidade do grupo, muitas vezes representadas por "outros" considerados estrangeiros, imigrantes, elites ou qualquer grupo que possa ser designado como uma ameaça à estabilidade percebida: “As histórias de crise que os agentes políticos contam simultaneamente instilam insegurança ontológica no público e transformam essa ansiedade em confiança na agenda política do narrador como a rota eficaz de volta à normalidade” (Homolar, Scholz, 2019, p. 346)<sup>21</sup>. Porém, esse tipo de narrativa pode apresentar uma compreensão limitada e distorcida da realidade, pois, essa busca ignora a natureza dinâmica das sociedades modernas, onde a diversidade e a mudança são inevitáveis. Além disso, a polarização resultante dessa “identificação de inimigos” pode minar o diálogo construtivo e a cooperação internacional, essenciais para enfrentar os desafios globais.

---

<sup>21</sup> Do original: “*the crisis stories political agents tell simultaneously instil ontological insecurity within the public and transform this anxiety into confidence in the narrator’s policy agenda as the effective route back to normalcy*” (Homolar, Scholz, 2019, p. 346)

Ao utilizar a teoria da segurança ontológica para compreender o populismo, é possível identificar como os líderes, principalmente, de uma vertente direitista, como o PDR, utilizam narrativas de segurança para construir identidades coletivas, manipular emoções e conquistar eleitores, o que revela as complexidades subjacentes na interseção entre política, segurança e opinião pública. A partir dos estudos de Steele e Homolar (2019), é possível concluir que o Populismo de Direita Radical é baseado na exploração da busca humana por segurança ontológica, apresentando narrativas que oferecem estabilidade e pertencimento, mas ao custo de uma compreensão mais complexa e inclusiva da diversidade humana.

De acordo com Löffkmann (2022) a construção de segurança populista é capaz de remodelar a identidade nacional por meio de apelos emocionais e narrativas que ancoram essa identidade em questões ontológicas, ou seja, fundamentais à natureza da existência e da realidade. Assim, é possível identificar que os movimentos de direita nos Estados Unidos procuraram criar uma ligação emocional e duradoura entre seus seguidores e a narrativa proposta. Com a ascensão de Donald Trump no cenário político dos EUA, em 2016, é possível destacar a evocação por uma nostalgia de um passado idealizado, em que a grandeza da nação era evidente. A retórica centrada em *slogans* simples, como "*Make America Great Again*", proporcionou uma narrativa clara que apelava para a base de apoiadores em busca de uma sensação de continuidade em tempos de mudança

Dentro desta perspectiva, os discursos de Trump durante a campanha provocaram uma sensação de insegurança existencial que evidenciava uma percepção de perda e anseio por pertencimento. Ao adotar uma postura populista, Trump construiu uma narrativa na qual se apresentava como o líder forte e capaz de enfrentar e resolver as supostas ameaças à segurança nacional e ao modo de vida americano. Trump com sua retórica populista se baseou em apelos a essas preocupações e frustrações, muitas vezes destacando questões como imigração, com um enfoque notável na xenofobia e no nativismo (Mudde, Kaltwasser, 2017; Pini, 2021). Trump retratou os estrangeiros como ameaças à segurança e ao emprego dos americanos, construindo um discurso que ressoou com aqueles que se sentiam afetados pelas mudanças econômicas e culturais.

Assim, a campanha presidencial de 2016 coloca em evidência como as preocupações de segurança podem ser mobilizadas de maneira estratégica para construir apoio político. Segundo Soares (2022), a busca pelo processo de securitização de Trump teve como base os discursos referentes a segurança ontológica do que tanto ele, quanto a seus eleitores entendiam como identidade, valores e direitos da sociedade americana. A

narrativa de Trump, embora simplificada, atendia à necessidade de determinados indivíduos por uma compreensão estável de identidade, pertencimento e significado. Ao construir a visão do passado como um período de estabilidade e autenticidade, Trump capitalizou na busca por segurança ontológica de seus apoiadores.

A identificação do "outro" como ameaça é uma característica intrínseca ao Populismo de Direita Radical. Trump focou em questões como imigração, promoveu a polarização entre "nós" e "eles", exacerbando as divisões sociais ao evocar a ferida de um privilégio perdido, conseguindo personificar uma ameaça (Steele, Homolar, 2019; Pini 2021). A simplificação de mensagens complexas, a desconfiança em relação às elites estabelecidas e a oposição a narrativas globalistas também foram estratégias utilizadas para consolidar o apoio popular. Dessa forma, ao concorrer uma eleição desencadeada por uma certa insegurança ontológica incutiu no eleitor que havia uma necessidade de escolher um líder forte para proteger a nação. Assim, as declarações de Trump durante a campanha tiveram um peso político e simbólico que apelavam por políticas de exceção que foram de encontro a uma base eleitoral que não se identificavam mais com os políticos mais tradicionais.

A construção da identidade própria e do outro torna-se um meio de estabelecer categorias de seres "superiores" e "inferiores". De acordo com Campbell (1992), a questão da identidade, a articulação do perigo, a especificação da diferença e a configuração do "outro" como inimigo fazem parte da história da construção política dos Estados Unidos. Por exemplo, durante a Guerra Fria, a identidade americana foi fortemente definida em oposição ao "outro" soviético, moldando políticas internas e externas. Conforme explica Homolar (2022), a busca por segurança ontológica de uma pessoa ou grupo, por meio de mitos e traumas nacionalistas e religiosos, tende a diminuir a segurança daqueles que não estão incluídos no discurso.

Esse processo pode ser observado na retórica pós-11 de setembro, em que a construção de uma identidade nacional em torno da luta contra o terrorismo muitas vezes marginalizou comunidades muçulmanas, tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos. A criação de narrativas exclusivas pode, assim, levar à exclusão e à vulnerabilidade de grupos que não se encaixam na identidade dominante, gerando um ciclo de insegurança e conflito. Sendo assim as narrativas populistas de crise estão intrinsecamente ligadas à ideia de segurança ontológica, visto que a política do medo racionaliza a ação política governamental por meio de apelos à segurança, e tais apelos ressoam profundamente em um público já ansioso (Homolar, Scholz, 2019).

A partir disso, o próximo capítulo se propõe a analisar o contexto político dos Estados Unidos em 2016, com foco na campanha de Donald Trump. Em particular, será examinada a maneira como as plataformas digitais, especialmente o Twitter, desempenharam um papel crucial na disseminação de narrativas polarizadoras e na mobilização do eleitorado. O capítulo investigará como Trump utilizou o Twitter para construir uma identidade política baseada na oposição ao “outro”, reforçando sentimentos nacionalistas e explorando divisões sociais. Além disso, será discutido como essa estratégia digital influenciou o comportamento dos eleitores, contribuiu para a polarização política e impactou o discurso público.

## **4 A ASCENSÃO DO POPULISMO DE DIREITA RADICAL NOS ESTADOS UNIDOS**

Este capítulo tem como foco o contexto político nos Estados Unidos de 2016 e aborda os eventos significativos que contribuíram para o surgimento e a ascensão do Populismo de Direita Radical. O objetivo é identificar acontecimentos e mudanças sociais que moldaram o contexto em que o Populismo de Direita Radical emergiu e se consolidou na figura de Donald Trump. Em seguida, discute-se a utilização do *Twitter* como ferramenta essencial para disseminar mensagens políticas e como a plataforma foi capitalizada por Donald Trump para alcançar e mobilizar eleitores. Por fim, é feita uma análise da instrumentalização das plataformas digitais pela Ultradireita. Este tópico analisa como as redes sociais foram empregadas como veículos para promover ideias e agendas populistas, explorando como o discurso populista encontrou um terreno fértil nas redes sociais e como o anonimato proporcionado por essas plataformas permitiu a propagação de discursos polarizadores e extremistas, alimentando ainda mais o fenômeno do Populismo de Direita Radical.

### **4.1 O contexto político nos Estados Unidos durante a campanha de 2016**

Conforme abordado no capítulo anterior, o Populismo de Direita Radical foi facilitado pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a crise econômica de 2008 e a crise dos refugiados de 2015 (Pini, 2021; Mudde, 2021; Brown, Mondon, Winter, 2021). Assim, a presente pesquisa se limita a analisar esses movimentos como influências significativas na eleição de 2016 nos Estados Unidos, especificamente no caso de Donald Trump, ao explorar como esses eventos críticos moldaram as narrativas políticas, mobilizaram eleitores e contribuíram para a ascensão de Trump como uma liderança populista de direita.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos entraram em um novo período político marcado por transformações significativas tanto na política interna quanto externa. Com a Guerra ao Terror, o governo Bush empregou um discurso marcado pela dicotomia da identidade americana e dos “outros”, que foi retratado como um conflito entre o bem e o mal, a civilização e a barbárie, e a liberdade e o medo (Solomon, 2011; Hutchison, 2020). A narrativa dominante da direita na época rebatia qualquer crítica à condução da guerra por Bush - que foi considerada hostil - pois, era vista como traição aos princípios patrióticos dos EUA (Neiwert, 2017). Dessa forma, é possível destacar como a narrativa dualista construída durante esse período influenciou a

percepção pública ao permitir que o governo legitimasse suas ações ao apresentar a intervenção militar como uma resposta necessária à ameaça percebida contra a identidade americana (Solomon, 2011).

Segundo Solomon (2011), o ser patriótico parte da perspectiva de ser um sujeito integral, que pode ser identificado a partir de uma experiência emocional na qual a pessoa se conectaria plenamente com sua nação. O patriotismo tem sido evocado em diversos momentos da história estadunidense, desde os períodos de guerra até eventos mais recentes na história do país (Campbell, 1992; Neiwert, 2017; Pini, 2021). As bandeiras americanas, os símbolos nacionais e a narrativa da excepcionalidade americana são o cerne desse patriotismo, e inspiram o orgulho cívico e identidade nacional.

Já no cenário pós-2008, a crise econômica desencadeou uma onda de incertezas e inseguranças que reverberaram na esfera política (Rodríguez-Pose, Lee, Lipp, 2021). A eleição de Barack Obama, em 2008, foi vista como um marco histórico, ao representar uma promessa de mudança e renovação após anos de políticas conservadoras. Obama, venceu as eleições em novembro daquele ano e iniciou seu governo em meio a conjuntura de crise, implementando pacotes de estímulo para promover a recuperação econômica, como a Lei de Recuperação e Reinvestimento Americano de 2009, que visava salvar e criar empregos, além de investir em infraestrutura e energia renovável (Rice, Unruh, Ginneken, *et al.*, 2018). Uma de suas realizações mais significativas foi a Lei de Proteção e Cuidado ao Paciente, conhecida como Obamacare, aprovada em 2010, que expandiu o acesso à saúde a milhões de americanos (Rice, Unruh, Ginneken, *et al.*, 2018)

No entanto, o otimismo inicial logo deu lugar a uma polarização crescente, à medida que a ascensão do *Tea Party*, um movimento político heterogêneo e fragmentado, desafiou a agenda progressista de Obama. De acordo com Pini e Frizzera (2024), ao contrário dos Paleoconservadores<sup>22</sup>, representantes de uma linha ultradireitista histórica e organizada, o *Tea Party* surgiu como uma mobilização política e social espontânea, que se organizou por meio da internet e foi alimentada pelo ressentimento, e pela desconfiança em relação a Obama e suas políticas (Hawley, 2017).

Os apoiadores do *Tea Party* expressavam preocupações com os gastos públicos excessivos propostos por Obama e sua suposta disposição de interferir nas liberdades individuais, como o acesso a armas de fogo, o que muitos viam como uma ameaça ao

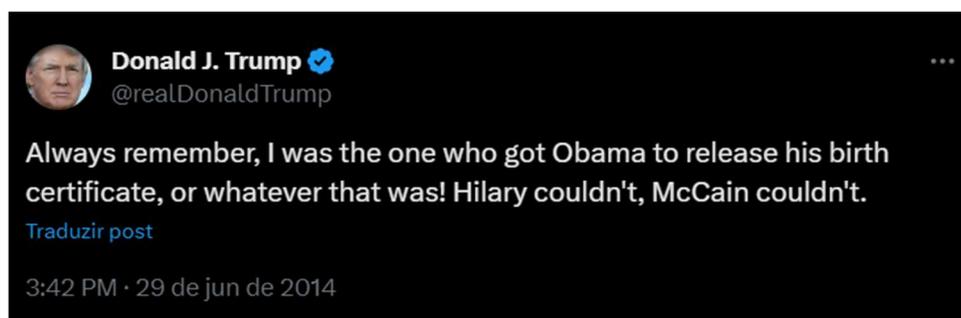
---

<sup>22</sup> Os paleoconservadores representavam uma versão mais tradicional do conservadorismo, desconfiada da intervenção americana em outros países, favorável a tarifas e medidas protecionistas, e abertamente contrária a iniciativas governamentais para promover a igualdade racial (Hawley, 2017).

modo de vida americano. Segundo Lo (2012), Skocpol e Williamson (2012) a partir da projeção nacional que ganhava o *Tea Party*, suas vertentes regionais ganharam autonomia (Pini, Fizzera, 2024). E assim, a direita conservadora logo percebeu o potencial do movimento e começou a financiá-lo, e influenciar suas agendas. Esse processo levou à associação do *Tea Party* com o *Grand Old Party* (GOP)<sup>23</sup>, e impulsionou o partido em direção a uma agenda de ultradireita, baseada em sentimentos conspiracionistas, pautas contra imigração, ressentimentos raciais e apelo religioso (Tarrow, 2021; Pini, Fizzera, 2024)

Um ponto a ser destacado dessa época, é o movimento *Birth*, que levantava dúvidas em relação ao ex-presidente, Barack Obama. Trump foi um dos principais participantes dos movimentos, e seu comportamento na internet foi um chamariz para extrema-direita e, a partir disso, nacionalistas brancos começaram a dar suporte eleitoral para Trump (Neiwert, 2017). A teoria da conspiração sobre Obama mobilizou o eleitorado branco ao questionar implicitamente sua legitimidade e capacidade de governar o país. Assim, Trump aproveitou a frustração da população, e usou intencionalmente conteúdos falsos para se autopromover (Empoli, 2020; Tôrres, 2023).

**Figura 3 – Donald Trump sobre o certificado de Barack Obama**



Fonte: @realdonaldtrump via *Twitter*, 2014

De acordo com Oliver e Rahn (2016), Trump aproveitou a lacuna de representação do partido Republicano para corresponder aos desejos de grandes setores do eleitorado ao despertar sentimentos presentes entre os eleitores republicanos, que sentiam negligenciados pelos candidatos do tradicionais do partido (Pini, 2021; Oliver, Rahn, 2016; Annicchino, 2023).

<sup>23</sup> Sigla que faz referência ao Partido Republicano.

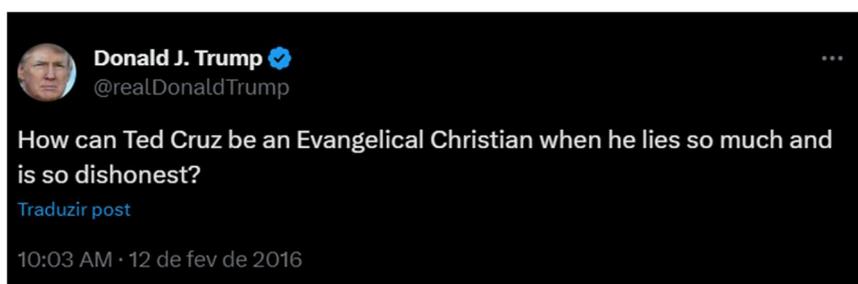
Trump frequentemente fez ataques ao Comitê Nacional Republicano, que ele habilmente retratou como um adversário conveniente durante as primárias, e que serviram para fortalecer sua imagem de insurgente, ao colocar a organização nacional do partido em destaque, além da sua capacidade de colocar o senador conservador Ted Cruz como uma figura do *establishment* (Roberts, 2023), como mostram alguns *tweets* abaixo:

**Figura 4 – Donald Trump sobre Ted Cruz ser um cidadão canadense**



Fonte: @realdonaldtrump via *Twitter*, 2016

**Figura 5 – Donald Trump sobre Ted Cruz ser evangélico e desonesto**



Fonte: @realdonaldtrump via *Twitter*, 2016

A relação entre Donald Trump e o Partido Republicano foi complexa e multifacetada. Trump, um magnata imobiliário e personalidade da mídia, ingressou na política como um *outsider*, desafiou as normas e tradições estabelecidas dentro do partido. Sua candidatura e subsequente presidência causaram uma série de mudanças e tensões dentro do Partido Republicano, visto que este enfrentou resistência de muitos líderes e figuras proeminentes do GOP, que não o consideravam um candidato sério ou alinhado com os valores conservadores tradicionais (Kalkan, 2016; Pini, 2021).

Roberts (2023) explica que as críticas de Trump representaram uma rejeição fundamental da ortodoxia republicana até aquele momento, apelando não apenas para os republicanos leais, mas também para aqueles insatisfeitos com o partido e suas crenças e práticas de longa data, redefinindo o consenso político. No entanto, sua retórica populista

e habilidade de mobilizar uma base eleitoral fervorosa o levaram à vitória nas primárias republicanas e, eventualmente, à presidência dos Estados Unidos.

Donald Trump já tinha interesse em concorrer à presidência desde 1992 (Neiwert, 2017). Sua campanha nas primárias republicanas foi inicialmente considerada improvável. Conforme explica Weinschenk (2018), havia argumentos de que Trump era um candidato inexperiente e que enfrentaria uma oponente experiente, o que o colocava em grande desvantagem. Durante a campanha surgiram questionamentos sobre o temperamento e sua conduta, muitos notavam que o candidato mantinha posições inconsistentes em muitas questões, o que provavelmente dificultaria “mobilizar uma base” em torno de sua candidatura (Weinschenk, 2018). Suas declarações polêmicas e estilo de campanha não convencional geraram reações intensas tanto de apoiadores quanto de críticos.

Além disso, a crise de imigração de 2015 foi vista por muitos como uma ilustração dos desafios e complexidades associados à imigração em escala global. Hutchison (2020), explica que embora o número de refugiados que chegaram diretamente aos Estados Unidos tenha sido menor em comparação com países europeus, a crise desencadeou debates acalorados sobre políticas de imigração, segurança nacional e valores humanitários. Nesse contexto turbulento, o populismo emergiu como uma força significativa, ao galvanizar o descontentamento público e moldou o panorama político dos Estados Unidos (Pini, 2021).

Dessa forma, o sucesso político de Trump não se reduz à sua habilidade como empresário, mas sim às suas habilidades como construtor de identidade como explicam Reicher e Haslam (2016). De acordo com os autores a essência e a capacidade de Trump reside em retratar e apresentar sua plataforma de maneiras que se conectam com a experiência de seus potenciais seguidores em relação ao mundo deles. Na análise de Oliver e Rahan (2016), Trump fez uma reivindicação populista à presidência, ou seja, ele conseguiu empregar uma retórica simplista, antielitista que foi de encontros com uma base de eleitores que tinha algum sentimento de segurança econômica, social ou cultural.

Esse novo Populismo de Direita Radical capitaliza a sensação de perda de privilégio entre aqueles que tradicionalmente se beneficiaram da branquitude, da cristandade, da masculinidade e da heterossexualidade (Soares, 2022; Oliver, Rahan, 2016). Esse movimento político evoca uma idealização de um passado mítico em que tais privilégios eram predominantes, ao alimentar um desejo de retorno a esse período, independentemente de quão contestável seja a sua realidade.

Dessa maneira, torna-se evidente que este cenário estabelece um terreno propício para a manipulação e construção de narrativas relacionadas à segurança, o que acarreta em potenciais repercussões significativas na estabilidade e coesão social. Ao entrelaçar a identidade nacional com as inseguranças fundamentais dos eleitores, tal estratégia não só reforça os laços emocionais, mas também amplia a definição de “inimigo” para abranger oponentes políticos, meios de comunicação, instituições e o sistema de segurança nacional.

#### **4.2 O uso das plataformas digitais durante a campanha de 2016**

As plataformas digitais são consideradas como facilitadores da interatividade e podem ser compreendidas a partir da autoexpressão do indivíduo. De certa forma, o acesso à internet remodelou o processo político de maneira inegável (Theocharis *et al.*, 2023). As razões para isso foram várias: democratizou a informação, estimulou o engajamento, fortaleceu movimentos sociais, além de redesenhar as campanhas eleitorais. Ao integrar as formas tradicionais de participação no processo político, a internet permitiu que os indivíduos comuns fossem mais ativos politicamente ao viabilizar uma maior autonomia no processo de escolha (Silveira, 2019; Castro Vieira, Portela, Rabêlo, 2021).

Neste contexto, o *Facebook* e o *Twitter* tiveram mais destaque na época da campanha eleitoral de 2016. Apesar de serem redes com estruturas diferentes, utilizam métodos parecidos de consumo e compartilhamento de informações. Segundo Mendes (2022), *Facebook* e *Twitter* são plataformas tecnológicas nas quais os usuários podem expressar sua liberdade de expressão. Assim, com o aumento do uso dessas plataformas digitais, houve também o aumento do fluxo de dados gerados pelo acesso dos usuários no ambiente virtual. De acordo com Guilbeault (2018), é a partir da monetização das plataformas digitais que as grandes empresas de tecnologia começaram a explorar os dados gerados no ambiente digital como mecanismo de compreensão do comportamento do usuário tanto para marketing comercial quanto para o marketing político.

De acordo com Morozov (2018), as *Big Techs* são baseadas em um modelo “dadocêntrico”, ou seja, buscam converter o comportamento humano em algo rentável. A utilização das plataformas digitais pelo indivíduo também ampliou o fluxo de dados gerados no ambiente virtual (Morozov, 2018). Esses dados são coletados em tempo real, a partir da navegação do usuário nas redes sociais e nos sites de buscas. Ao transformar esses “rastros digitais” em informação é possível traçar um perfil do usuário, que identifica seu comportamento e suas preferências dentro da internet. A partir desse

perfilamento é possível criar e desenvolver campanhas políticas e de marketing segmentadas para cada indivíduo.

Segundo Pini (2021, p. 76), a monetização das plataformas é baseada na economia da atenção, na qual os conteúdos mais atrativos são aqueles que geram engajamento: “A monetização dessa informação nas plataformas digitais, no entanto, se dá por meio da remuneração a partir do tráfego de visitantes e cliques que determinadas páginas recebem, principalmente por meio de plataformas de anúncios patrocinados, como o *Google Ads*<sup>24</sup>”. Conforme explicado por Mendes (2022), as empresas de tecnologia exercem o “poder dos dados” de duas formas: a primeira, é que elas possuem tecnologias específicas para coletar grandes volumes de dados essenciais para o treinamento de algoritmos para compreender seus consumidores. Em segundo lugar, as *Big Techs* possuem a competência necessária para criar e vender inovações tecnológicas revolucionárias, tais como inteligência artificial, *blockchain*, realidade aumentada/virtual e outras, que envolvem o processamento avançado de dados.

De acordo com Mazzucato (2011), Nieborg e Helmond (2019), muitas dessas tecnologias citadas acima recebem investimentos realizados pelo governo em pesquisa e desenvolvimento, por meio de financiamento público:

As redes sociais, em particular, vem sendo ferramentas importantes nas eleições dos EUA desde a primeira década do século XXI, no entanto, a cada ciclo eleitoral as dinâmicas mercadológicas, comportamentais e tecnológicas promoveram alterações no panorama de uso dessas plataformas e, conseqüentemente, no seu potencial eleitoral (Pini, 2021, p. 81).

A campanha presidencial de Barack Obama em 2008 ficou reconhecida como um marco no uso das mídias digitais como ferramenta política, sendo a primeira eleição orientada por *Big Data* (Ayres Pinto, Moraes, 2020). Foram utilizados dados de plataformas como *Twitter* e o *Facebook* para criar um banco de dados com base em listas de registro de eleitores nos Estados Unidos. Esses dados foram cruzados também com as informações disponíveis nas bases de dados governamentais, que incluíam dados econômicos e sociais (Hersh, 2015; Dalton, 2016). Ao utilizar algoritmos para analisar e processar essas informações, foi possível prever o comportamento eleitoral na época.

---

<sup>24</sup> O *Google Ads* é uma plataforma de publicidade *online* desenvolvida pelo Google, que permite que anunciantes promovam seus produtos, serviços ou conteúdo em diversos canais de anúncios do Google.

Porém, é na campanha eleitoral de 2016 que as plataformas digitais tiveram maior destaque, ao concentrar a atenção dos eleitores e, também, ao tornar-se um dos principais canais para disseminação dos discursos de Trump (Pini, 2021). Por meio do uso de dados disponíveis nas mídias sociais e da utilização de algoritmos de *machine learning*<sup>25</sup> foi possível identificar características e preferências individuais para criar conteúdo e campanhas direcionadas e segmentadas consoante ao perfil de cada eleitor (Pini, 2021; Ayres Pinto e Moraes, 2020). Assim, os algoritmos podem transformar dados em informações ou classificadores, servindo como verdadeiros filtros informacionais (Silveira, 2019).

Para Cho *et al.* (2020), à medida que os dados sobre a pesquisa e o consumo de informações de um usuário específico se acumulam, a capacidade de personalização dos algoritmos é aprimorada para as pesquisas subsequentes. Anteriormente os algoritmos retornavam a busca a partir da frequência que determinado termo era pesquisado nas plataformas, mas a partir do desenvolvimento de técnicas de processamento de linguagem natural, os algoritmos começaram a incorporar informações como curtidas, páginas seguidas e toda ação do indivíduo no ambiente virtual. Gillespie (2018), Ayres Pinto e Moraes (2020) apontam que, a partir dessa data *point*<sup>26</sup> é possível traçar um perfil do usuário e rastrear todos os aspectos de sua personalidade.

Ao se analisar o design de plataformas digitais como o *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e *Twitter*, percebe-se que os algoritmos utilizados para filtrar o conteúdo disponível a cada usuário são personalizados de acordo com o seu grau de interação com cada tipo de postagem, de modo a maximizar o tempo de permanência de usuários em suas plataformas (Pini, 2021, p. 85).

Dessa forma, os algoritmos determinam qual conteúdo é mais relevante e quais devem ser encontrados pelo usuário. Em plataformas digitais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* os usuários têm pouco ou nenhum controle sobre a exposição dos conteúdos exibidos no *feed*, pois, o ranqueamento do conteúdo é definido a partir de interpretações

---

<sup>25</sup> De acordo com Tom Michael (1997), *machine learning* ou aprendizado de máquina é um tipo de inteligência artificial que obtém padrões de dados brutos por meio de um algoritmo ou modelo. O foco principal é permitir que sistemas de computadores aprendam pela experiência, sem ser explicitamente programado ou sem intervenção humana.

<sup>26</sup> Um *data point* é uma unidade individual de informação em um conjunto de dados. Em contextos de análise de dados, estatísticas ou ciência de dados, um *data point* representa uma observação ou medida específica que é coletada ou registrada.

algorítmicas dos dados para a montagem dos processos de categorização e classificação dos conteúdos:

Esses algoritmos se baseiam em medidas de “afinidade” para tópicos gerados a partir de traços digitais do comportamento do usuário, como curtir uma página ou usar determinadas palavras-chave em uma publicação. Por meio desses sistemas algorítmicos, os traços digitais do comportamento do usuário são traduzidos em categorias probabilísticas que podem ser usadas pelos anunciantes para segmentar o público e pelos algoritmos de classificação do feed de notícias para garantir que os usuários vejam conteúdo “relevante (Thorson *et al.*, 2019, p. 2, tradução da autora).<sup>27</sup>

Esse tipo de personalização abre espaço para o isolamento do usuário nas mídias sociais, visto que as informações pautadas pelos algoritmos só retornam informações que correspondam ao ponto de vista do indivíduo. Essa falta de contradição dentro das plataformas e, principalmente, das redes sociais, leva o sujeito ao obscurecimento, pois, este é desconectado de sua consciência ao ter seus ideais reforçados. Para Zuboff (2019) e Pariser (2011), isso acontece já que o sujeito não é desafiado a pensar de maneira diferente ou a questionar o círculo em que está envolvido, esse processo de encontrar algo que o force a deixar sua bolha é frustrante e difícil.

Segundo Wu (2015, s.p. *apud* Fisher 2023, p. 108), as plataformas digitais não são projetadas para o diálogo ponderado, a autora afirma que “*Twitter, Facebook* e as plataformas sociais são projetadas para uma única coisa: Nós estamos certos. Eles estão errados. Vamos acabar com essa pessoa, bem rápido e com força”, o que amplifica uma polarização já existente. Conforme explica Pariser (2011), um ambiente informacional fundamentado em cliques favoráveis aos conteúdos e concepções prévias do sujeito sobre o mundo, ao mesmo tempo, em que marginaliza o conteúdo que causa oposição, e abre espaço para a polarização política e a exclusão do “outro”.

As plataformas são projetadas e programadas para maximizar o engajamento e manter os usuários o máximo de tempo possível, assim, os algoritmos tendem a exibir conteúdos que são relevantes e atraentes para casa usuários, com base em seu comportamento da navegação anterior. Para Lim (2017), essa dinâmica entre algoritmos

---

<sup>27</sup> Do original: “*These algorithms draw on measures of ‘affinity’ for topics that are generated from digital traces of user behavior, such as liking a page or using certain keywords in a post. Via these algorithmic systems, digital traces of user behavior are translated into probabilistic categories that can be used by advertisers for audience targeting and by newsfeed ranking algorithms to ensure that users see ‘relevant’ content*” (Thorson *et al.*, 2019, p. 2).

e usuários leva ao que a autora conceitua como “enclaves algorítmicos”, pois, a visibilidade das informações é determinada a partir da interação entre amigos, o que leva a criação de uma identidade compartilhada. Os “enclaves algorítmicos” são dinâmicos e mudam conforme as preferências e membros conforme o tempo.

Porém, é preciso atentar-se que não são os algoritmos que pré-determinam essa formação, mas sim o comportamento do usuário, que a partir de uma análise algorítmica determina a ordenação e a hierarquização das informações e preferências políticas dentro das mídias sociais. Os “enclaves algorítmicos” de Lim (2017) vão ao encontro do conceito de filtro-bolha introduzido por Pariser (2011). O conceito de filtro-bolha argumenta que os usuários são os responsáveis pelo conteúdo consumido e a partir desse consumo, os dados coletados seriam explorados pelos algoritmos das plataformas e redes sociais.

Os filtros-bolha analisam o comportamento de navegação, as interações anteriores e outras informações sobre o usuário para determinar quais conteúdos são mais relevantes para ele. Isso leva a uma experiência online altamente personalizada, mas também limita a diversidade de informações a que as pessoas são expostas. Pariser (2011, p. 51) explica que essa exploração é baseada em uma psicologia social, pois, o filtro-bolha amplia de maneira drástica o viés de confirmação, visto que o consumo de informações que não contradizem o usuário é algo prazeroso e que gera uma sensação de recompensa.

De acordo com Bartlett (2014), quando as pessoas estão constantemente expostas a informações que confirmam suas opiniões preexistentes, isso pode levar ao fortalecimento dessas visões e à formação de um conjunto falso de evidências. Essas evidências distorcidas podem levar os indivíduos a fazerem julgamentos errôneos sobre o mundo ao seu redor. Para França e Abreu (2021), embora os filtros-bolha possam oferecer uma experiência *online* mais personalizada, podem criar também um ambiente de eco, ou câmara de ressonância, no qual os usuários são expostos apenas as opiniões e informações semelhantes às suas próprias.

Ou seja, criam um ambiente em que as pessoas são constantemente reafirmadas em suas crenças existentes, sem terem acesso a uma gama diversificada de opiniões e visões de mundo (França, Abreu, 2021; Bruns, 2014). A não exposição a visões diferentes e desafiadoras, as pessoas são reafirmadas em suas opiniões existentes, o que pode levar à polarização e ao enfraquecimento do diálogo construtivo. A câmara de ressonância nas plataformas digitais contribui para a formação de comunidades isoladas ao criar um ambiente propício para o fortalecimento de movimentos populistas.

Nesse contexto, a partir da coleta de dados de cada usuário é possível traçar seu comportamento *online*, posicionamento político e até analisar seus sentimentos em relação a determinados temas. Com essas informações é possível criar campanhas eleitorais direcionadas ao perfil de cada eleitor por meio a estratégia de *microtargeting*. De acordo com Kim *et al.* (2018), essa estratégia tem a capacidade de direcionar mensagens publicitárias e de marketing altamente personalizadas para públicos segmentados e desempenha um papel fundamental na era digital, pois abrange uma tendência geral em tornar o marketing político cada vez mais individual e restrito.

A coleta e análise de dados pessoais dos usuários permitem que as empresas compreendam melhor os interesses, preferências e comportamentos individuais, a fim de criar campanhas de marketing altamente direcionadas. Sendo uma estratégia que busca diversas informações dos usuários como dados demográficos, geográficos, padrões de consumo de mídia, perfis políticos, interesses em questões, *hobbies* e redes de amigos (Pini, 2021; Ayres Pinto, Moraes, 2020; Hu, 2020; Kim *et al.*, 2018), o que possibilita a entrega de conteúdo específico que ressoa com os indivíduos em um nível pessoal.

O *micromarketing* pode ser altamente eficaz, uma vez que as mensagens personalizadas têm maior probabilidade de atrair a atenção e o engajamento do público-alvo. No entanto, essa prática também suscita preocupações éticas, especialmente em relação à privacidade e à manipulação da opinião pública (França, Abreu, 2021). Segundo Ayres Pinto e Moraes (2020), a estratégia de *microtargeting* foi amplamente utilizada durante a campanha presidencial dos Estados Unidos em 2016, o que possibilitou a criação de conteúdos políticos segmentados de acordo com o perfil de cada eleitor.

A campanha investiu em publicidade digital. Em vez de gastar grandes somas em anúncios de televisão tradicionais, a equipe de Trump focou em anúncios online, onde os custos eram mais baixos e a segmentação mais precisa. O Facebook foi uma das principais plataformas para esses anúncios, que incluíam uma mistura de mensagens positivas sobre Trump e negativas sobre sua adversária, Hillary Clinton. Um dos triunfos da campanha de Donald Trump foi segmentar conteúdos e anúncios a perfis específicos dentro das plataformas, principalmente no *Facebook*: “Isso permitiu que não somente mensagens positivas sobre Trump atingissem públicos específicos, como também possibilitou o direcionamento de mensagens negativas sobre a candidata Hillary Clinton” (Pini, 2021, p. 230):

**Figura 6 - Conteúdo pago contra Hillary Clinton divulgado no *Facebook***



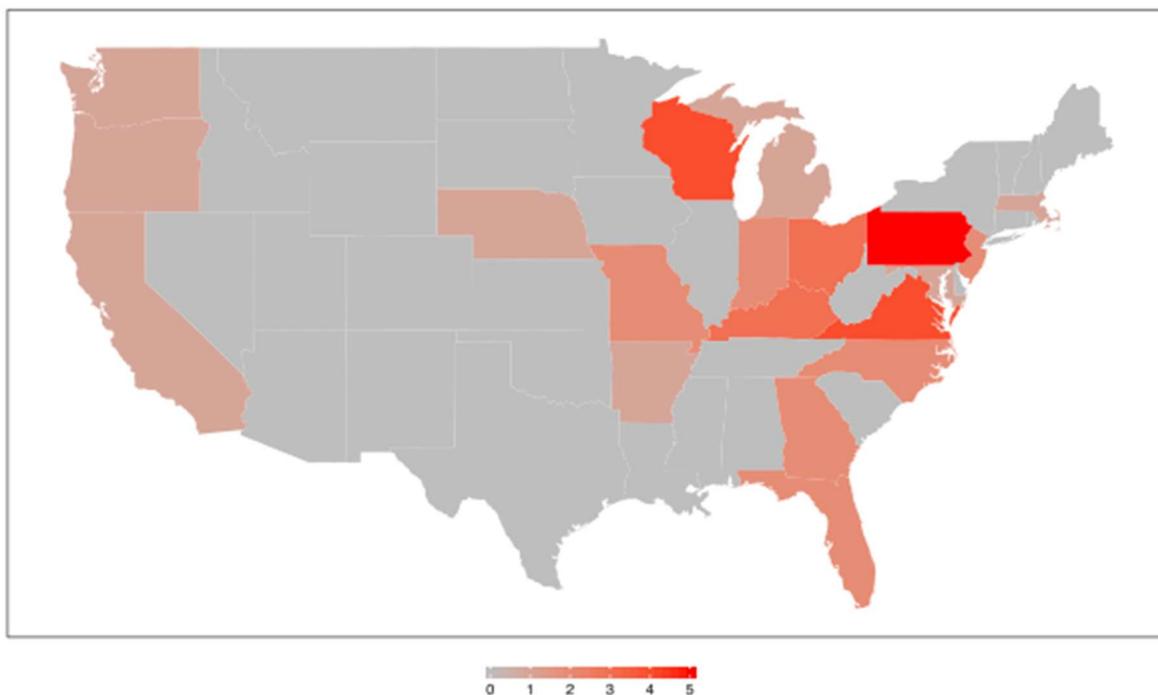
Fonte: Kim *et al.* (2018, p.7)

No caso do *Twitter*, os algoritmos utilizam os dados dos usuários para hierarquizar os conteúdos na plataforma. Huszár *et al.* (2022), explica que anteriormente o *Twitter* apresentava ao usuário os conteúdos publicados pelas contas seguidas, mas desde fevereiro de 2016, a plataforma passou a utilizar *machine learning* para incluir um novo tipo de feed, o *home timeline*, onde *tweets* passaram a ser priorizados conforme as características do conteúdo, atividade social e atividade do usuário. Além disso, A campanha de Trump também se beneficiou de conteúdo viral e memes que circulavam nas redes sociais. Muitos desses memes eram criados e compartilhados organicamente por seus apoiadores, o que aumentou o alcance e o impacto das mensagens da campanha. Isso ajudou a criar uma sensação de movimento de base e a mobilizar eleitores.

Aprimoramos a *timeline* analisando como milhões de pessoas interagem com bilhões de *tweets* - usamos essas informações para determinar o melhor conteúdo a ser exibido. Usamos a atividade anterior de uma pessoa no *Twitter* para prever quais *tweets* ela mais gostaria de ver. Analisamos as contas com as quais elas interagem, os *tweets* com os quais costumam interagir, os interesses e o que está acontecendo em sua rede (Twitter, 2016)<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Do original “We’ve improved the timeline by analyzing how millions of people engage with billions of Tweets — and we’re using this information to determine the best content to surface. We use a person’s past Twitter activity to predict which Tweets they might like to see most. We look at accounts they interact with, Tweets they usually engage with, interests, and what’s going on in their network” (Twitter, 2016).

**Gráfico 1 - Mapa dos estados em que os usuários foram alvos de estratégias de *microtargeting* na campanha presidencial de 2016**



Fonte: Kim *et al.* (2018, p.11)

Conforme explica Kim *et al.* (2018), com os dados disponíveis nas plataformas digitais, a estratégia de *microtargeting* permite extrair o máximo de informações de eleitores, e partir disso, é possível criar conteúdos políticos adaptados às suas necessidades e preocupações. À medida que as pessoas estão cada vez mais isoladas de perspectivas diferentes, a compreensão mútua e a busca por soluções comuns são prejudicadas. Dessa forma, enquanto o *microtargeting* possibilita a personalização de mensagens para públicos segmentados, os filtros-bolha e as “câmaras de eco” limitam a exposição a perspectivas divergentes que contribuíram para a polarização na eleição presidencial de 2016.

As estratégias de redes sociais de Trump também contribuíram para a polarização política, ao criar bolhas de informações na qual os eleitores só viam conteúdos que reforçavam suas crenças preexistentes. Essa fragmentação da sociedade pode alimentar o populismo, um movimento político caracterizado pela defesa dos interesses e desejos da população em geral, muitas vezes criticando as elites políticas e econômicas. A combinação dessas estratégias permitiu que Trump criasse uma presença online robusta

e influente, que foi um fator crucial para sua vitória inesperada em 2016. A campanha do candidato republicano nas redes sociais é frequentemente estudada como um exemplo de como as ferramentas digitais podem ser usadas de maneira eficaz na política moderna.

### **4.3 A propagação do Populismo de Direita Radical no *Twitter***

Um ponto importante do uso das plataformas digitais é a convergência de identidades, o qual desempenha um processo importante quando o indivíduo encontra uma plataforma para expressar seus sentimentos e compartilhá-los com outras pessoas que partilham das mesmas crenças e opiniões (Castro Vieira, Portela, Rabêlo, 2021). Segundo Silveira (2019) e por meio da interação social facilitada pelo discurso nas plataformas digitais, múltiplas identidades e papéis sociais se formam, sendo representados em contextos situacionais onde as expectativas sociais específicas moldam as práticas de comunicação. Dessa forma, líderes políticos e partidos dispostos a usar as mídias sociais conseguem estreitar os laços com seu eleitorado e criar bases para uma comunidade *online* ou cooptar comunidades já existentes.

As emoções desempenham um papel importante nesse contexto, uma vez que as discussões políticas frequentemente se tornam carregadas de raiva, indignação e hostilidade. A maioria das plataformas é fundamentada na suposta crença neutra de que a atenção equivale a valor (Fisher, 2023; Nagle, 2017). Em plataformas como o *Reddit* e o *Twitter*, as postagens ganham destaque com base na quantidade de *upvotes* ou *retuites* que recebem. Por outro lado, o *Facebook* e *YouTube* determinam essa autoridade por meio de algoritmos. Para Fisher (2023), ambas as abordagens resumem todas as formas de atenção - positiva ou negativa, irônica ou sincera, seja ela capaz de gerar risos ou frustrações, ao estimular sua curiosidade intelectual ou apelar para seus instintos mais básicos - em uma única métrica: aumento ou queda. Fóruns como o *4chan* seguem uma abordagem similar, mas de maneira mais espontânea.

Dessa forma, a política no ambiente virtual também está sujeita a influências externas, como a disseminação de desinformação e a manipulação de algoritmos (Pini, 2021). O que pode levar a uma distorção da percepção da realidade e ao fortalecimento de posições políticas extremas. Segundo Fisher (2023), as emoções desempenham um papel importante nesse processo, pois as mensagens emocionalmente carregadas muitas vezes têm mais impacto e são mais difíceis de serem questionadas criticamente. Ainda, de acordo com a autora, a polarização política muitas vezes é intensificada no ambiente

*online*, pois, os filtros-bolha ou as câmaras de eco acabam por reforçar crenças existentes e dificultam o diálogo construtivo.

Segundo Duncombe (2019), as plataformas digitais facilitam a exteriorização de emoções como raiva, repulsa, simpatia ou empatia. Assim, com a expansão do uso das mídias sociais, ocorreu uma mudança na forma de comunicação entre governo e sociedade, pois as plataformas são, hoje, um local de contestação e negociação política. Ainda de acordo com Duncombe (2019), as emoções têm o potencial de se espalharem e serem expressas de forma coletiva por meio de manifestações públicas, como ocorre em manifestações, debates parlamentares ou aparições públicas e midiáticas de líderes estatais.

Essas exibições públicas de emoção possuem um impacto social e político significativo, pois, são reconhecidas como espaços onde a ressonância emocional se manifesta e estabelece os limites da identidade e as representações do “eu” e do “outro” no âmbito coletivo e estatal, além de delimitar quais ações políticas são viáveis em relação a atores e eventos específicos (Duncombe, 2019; Hameleers, 2019). Müller e Schwarz (2020) argumentam que as redes sociais, em especial o *Twitter*, são eficazes no reforço de crenças extremas por conta das “câmaras de eco” e que funcionam a partir de um engajamento emocional, ou seja, alguns conteúdos que evocam fortes emoções tendem a gerar mais respostas e compartilhamentos, visto que as interações proporcionadas pela plataforma ressoam como a perspectiva do usuário.

O *Twitter* é uma espécie de microblog que surgiu em 2006, onde os usuários podem compartilhar mensagens curtas. Segundo Viscardi (2020), Halpern e Valenzuela e Katz (2017) o *Twitter* é um ambiente dinâmico que possibilita o compartilhamento de informações sobre uma ampla gama de temas, é uma plataforma digital que reflete adequadamente o espírito da sociedade contemporânea. Devido à sua natureza fluida, o *Twitter* propicia um encontro de identidades, permite que as pessoas tenham autonomia. De acordo com Narbona (2016), essa plataforma é uma ferramenta essencial para exercer a liderança digital, pois é uma rede acessível que integra diversas formas de mídia como imagem, texto e vídeo. Baldwin-Philippi (2018), argumenta que o *Twitter* é um espaço para desenvolver a autenticidade já que permite que sejam engajadas conversas reais.

Para Ott (2016) o *Twitter* pode ser definido a partir de duas características: a primeira é referente a sua simplicidade. A sua estrutura impede que a comunicação seja detalhada e sofisticada: “Para ser claro, um *tweet* pode ser inteligente ou espirituoso, mas

não pode ser complexo" (Ott, 2017, p. 60)<sup>29</sup>. A segunda característica é referente a impulsividade da plataforma, pois, o ato de *twittar* é algo extremamente fácil. Assim, os *tweets* podem ser publicados a partir de acontecimentos emotivos: “mensagens emocionalmente carregadas no Twitter tendem a ser *retweetadas* com mais frequência e mais rapidamente em comparação com as neutras” (Stieglitz, Duang, Xuan 2013, p. 13 *apud* Ott, 2017, p.61)<sup>30</sup>

A campanha de Donald Trump rompeu com toda maneira tradicional de se fazer política: “O imediatismo e a efemeridade do feed do *Twitter* ajudaram a gerar talvez o aspecto mais confuso da ascensão de Trump, ou pelo menos, para aqueles que se opõem a ele: sua aparente capacidade de dizer o que quiser com poucas consequências a longo prazo” (Stolee, Caton, 2018, p. 160)<sup>31</sup>. Trump utilizou sua conta pessoal no *Twitter* como um canal de comunicação, aproveitou sua notoriedade como empresário conhecido, com um considerável número de seguidores em todo o país desde o início da campanha eleitoral.

Segundo Winter (2019) desde o final dos anos 2000 a internet está sendo usada por grupos da Extrema Direita. Alguns grupos como *National States Right Party (NSRP)* e membros da Ku Klux Klan (KKK) criaram e publicaram sites como o *Truth at Last* e o *The Torch* como um local para compartilhar opiniões, artigos e eventos sobre supremacia branca. Uma das comunidades mais famosas era o fórum online *Stormfront*. O *Stormfront* é considerado um dos primeiros e maiores sites supremacistas e nazista da internet, o nome faz referência aos soldados nazistas de *Sturmabteilung*. Daniels (2009) explica que os participantes do *Stormfront* podem ser divididos em dois grupos, os leitores passivos e os criadores de conteúdos que fazem parte da comunidade.

Assim, a combinação da formação de comunidades radicais que se sentem vítimas, especialmente homens brancos, possuem uma capacidade de atrair uma base ampla para criar uma comunidade online. Winter (2018) afirma que entender as comunidades supremacistas é necessário para entender o sucesso de Donald Trump na campanha de 2016, visto que por um ser um usuário ativo do *Twitter*, ocasionalmente compartilhava postagens da Extrema Direita que iam de encontro com sua narrativa, o

---

<sup>29</sup> Do original: “*To be clear, a Tweet may be clever or witty, but it cannot be complex*” (Ott, 2017, p. 60)

<sup>30</sup> Do original: “*Emotionally charged Twitter messages tend to be retweeted more often and more quickly compared to neutral ones*” (Stieglitz, Duang, Xuan 2013, p. 13 *apud* Ott, 2017, p.61)

<sup>31</sup> Do original: *Twitter’s immediacy and ephemerality of the feed that helps generate the most confounding aspect of Trump’s ascendance, or at least for those that oppose him: his apparent ability to say anything he wants with very few long-term consequences*” (Stolee, Caton, 2018, p. 160).

que permitiu o crescimento e a penetração generalizada da Extrema Direita na eleição de 2016. Além disso, a abordagem tolerante ao discurso racista em plataformas como *Twitter*, *4chan* e *Reddit* possibilitaram que os nacionalistas brancos encontraram outros lugares além do Stormfront para se reunir online.

É nesse cenário que a Alt-Right emergiu como uma significativa força política nas plataformas digitais (Winter, 2019). Originada nos Estados Unidos em 2008, a Alt-Right, ou Direita Alternativa, representa um conjunto diversificado de ideias que, muitas vezes, transcende as barreiras partidárias convencionais. Alt-Right teve suas raízes na oposição à cultura política dominante, incorpora elementos nacionalistas anti-globalistas e críticas ao *establishment* (Daniels, 2018; Neiwert, 2017). Com influências que vão desde teorias conspiratórias até críticas à correção política, a Alt-Right atraiu uma variedade de seguidores e ativistas, seu crescimento foi, em parte, uma reação às mudanças sociais e políticas nos EUA.

A ideologia da Alt-Right é marcada por uma mistura complexa de elementos que incluem o nacionalismo étnico, antiglobalismo, conservadorismo cultural e críticas à imigração. De acordo com Neiwert (2017), há ênfase na identidade cultural e étnica muitas vezes desencadeia debates intensos sobre racismo, xenofobia e supremacia branca. A ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos trouxe maior visibilidade à Alt-Right, visto que plataformas digitais têm sido eficazes para disseminação de símbolos e ideias nacionalistas brancas, impulsionadas por algoritmos.

Embora houvesse entusiasmo por Trump, os nacionalistas brancos reconheceram que ele não compartilhava plenamente sua visão de mundo. Por esse motivo, alguns na Alt-Right, sugeriram cautela em demonstrar muito apoio a Trump. De acordo com Hawley (2017), integrantes de uma vertente que misturava o nacionalismo branco e cristianismo ortodoxo, acreditavam que Trump estava apenas representando uma pequena parte dessa visão total e há apenas algumas semanas. Apesar de reconhecerem que Trump não endossava suas opiniões, muitos nacionalistas brancos expressaram gratidão a ele por direcionar a conversa nacional para a direita ao abrir espaço para suas ideias:

Como um quebra-gelo, Trump atravessou a crosta congelada do consenso político artificial, esmagando-a em pedaços e liberando as correntes populistas turbulentas por baixo. Nosso trabalho é nos

aglomerar na brecha, ampliá-la e direcionar cada resultado para o nosso lado. (Hawley, 2017, p. 119, tradução da autora)<sup>32</sup>

Porém, logo a Alt-Right percebeu a oportunidade que a campanha de Trump apresentava, e fez da eleição presidencial de 2016 o foco de suas atividades online. A Alt-Right adotou Donald Trump como seu candidato presidencial favorito. Os memes de Trump retratado como uma figura grandiosa e imperial tornaram-se ubíquos nas mídias sociais da Alt-Right. Um exemplo é o meme “Pepe, The Frog”, que inicialmente era um personagem de desenho inofensivo, teve seu significado completamente transformado, foi adicionado ao banco de dados de símbolos de ódio online da Liga Antidifamação em setembro de 2016 (BBC, 2016; Daniels, 2018).

Segundo Daniels (2018), apesar do meme ter começado *4chan*, migrou para o *Twitter* e até ser mencionado em um discurso por Hillary Clinton. A transformação de Pepe em um ícone nacionalista branco foi revelada por um supremacista branco anônimo ao *Daily Beast* em 2016, iniciado no */r9k/*, um fórum do 4chan onde diversos tipos de usuários se reuniam. Embora o magnata não tenha oficialmente endossado, retuitou uma caricatura que o representava como Pepe, The Frog com a seguinte legenda “Você não pode derrotar o Trump” (Donald Trump via Twitter, 2016; BBC, 2016):

**Figura 8 - Donald Trump retweeta meme da Alt-Right**



Fonte: Donald Trump via Twitter, 2016; BBC, 2016

<sup>32</sup> Do original: “Like an icebreaker, Trump has plowed through the frozen crust of the artificial political consensus, smashing it to bits and releasing the turbulent populist currents beneath. It is our job to crowd into the breach, widen it, and turn every outcome in our direction” (Hawley, 2017, p. 119).

A partir dos trabalhos de Campbell e Envolvi (2019), é possível compreender que os memes podem reforçar a identidade de certos grupos online, mas também, podem ser usados para criticar um grupo que não faça parte da comunidade. Muitos memes da Alt-Right são caracterizados por uma linguagem irônica e sarcástica. Segundo Nagle (2017), essa abordagem permite que os seguidores da Alt-Right expressem suas opiniões de forma não convencional ao desafiar a ortodoxia política tradicional.

De acordo com Neiwert (2017) e Daniels (2018), a utilização de memes desempenharam um papel significativo na estratégia de comunicação da Alt-Right ao fornecer uma forma peculiar e muitas vezes irônica de disseminar ideias políticas, assim, os memes têm sido uma ferramenta poderosa para criar identidade cultural, propagar mensagens e, em alguns casos, reforçar estereótipos controversos. A propagação do Populismo de Direita Radical no *Twitter* é um fenômeno multifacetado que resulta da combinação de comunicação direta, mensagens simplificadas, amplificação por *bots*, bolhas de filtragem, mobilização e disseminação de desinformação (Hameleers, 2019). O impacto disso é significativo, visto que molda o debate público e influencia os processos políticos em várias democracias ao redor do mundo.

Assim, os conteúdos da Alt-Right no *Twitter* funcionaram como veículos visuais para a expressão dessas inseguranças ao alimentar a polarização e aprofundar as divisões já existentes na sociedade. Portanto, o *Twitter* não foi apenas uma estratégia de comunicação, mas também uma ferramenta eficaz na exploração das tensões sociais e na consolidação do apoio à narrativa populista de Trump, assim, o papel do *Twitter* na construção do PDR Trumpista será trabalhado no próximo capítulo.

## 5 TRUMPISMO ONLINE: UMA ANÁLISE DOS *TWEETS* PRESIDENCIAIS À LUZ DA SEGURANÇA ONTOLÓGICA

O presente capítulo tem como foco analisar o conteúdo dos *tweets* presidenciais de Donald Trump à luz da teoria da segurança ontológica, ao examinar os elementos populistas, nativistas e autoritários presentes em sua retórica no ambiente digital. Dessa forma, o primeiro tópico aborda sobre o fenômeno do Populismo de Direita Radical de Trump que se caracteriza por várias práticas e retóricas específicas que apelam a segmentos amplos, muitas vezes insatisfeitos, da população. Em seguida, é analisado o comportamento de Trump no *Twitter* durante a campanha, visto que a plataforma foi utilizada para gerar uma comunicação direta com os eleitores, o que permitiu transmitir suas mensagens de maneira rápida e direta, muitas vezes em tempo real. Por fim, os *tweets* de Trump são analisados à luz da segurança ontológica quando aplicada ao contexto dos *tweets* de Donald Trump durante a campanha presidencial de 2016, a segurança ontológica pode ajudar a explicar como e por que suas mensagens ressoaram tão profundamente com muitos eleitores.

### 5.1 O Populismo de Direita Radical de Trump

A segurança ontológica é um conceito que se refere à sensação de estabilidade e continuidade na identidade e nas crenças de um indivíduo ou grupo (Kinnvall, Mitzen, 2016; Erbele, 2019; Soares, 2022). Como observado por Homolar e Löffmann (2021) e Jacoby (2015), a narrativa populista que envolve humilhação, sofrimento e a sensação de perder o controle sobre a vida e o sustento, tem como objetivo definir a identidade daqueles que se identificam com o discurso adeptos, ou seja, funciona como um poderoso mecanismo emocional de mobilização. Quando aplicada ao contexto da campanha presidencial de 2016, a segurança ontológica pode ajudar a explicar o motivo das mensagens de Trump terem ressoado tão profundamente com muitos eleitores.

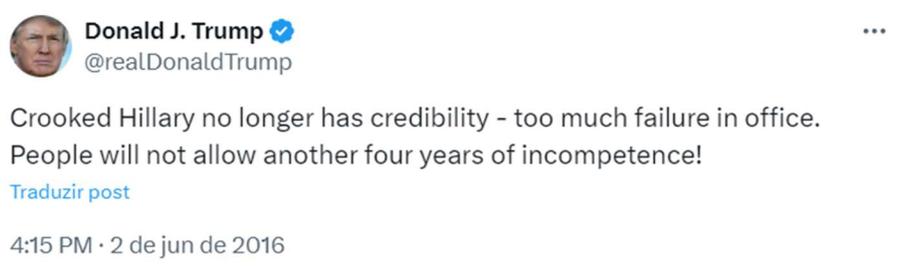
Segundo Pelinka (2013), o populismo de direita simplifica eventos complexos ao buscar um culpado, e enxerga no multiculturalismo como uma ameaça à identidade nacional e ao povo. No entanto, o populismo vai além de culpar outros, ele une sentimentos *antiestablishment* com novas práticas democráticas e o desejo por liderança forte. Neste sentido, Mudde (2021) afirma que a campanha eleitoral de 2016 foi baseada em uma combinação de características que definem o PDR no cenário contemporâneo como o nativismo, autoritarismo e populismo.

O Populismo de Direita Radical, por sua própria natureza, envolve a adoção de posições políticas que ressoam com as preocupações e frustrações de partes da população que se sentem marginalizadas, desfavorecidas ou excluídas pelas elites políticas tradicionais (Arhin, Stockemer, Normandin, 2023; Mudde, 2017). Assim, a campanha de Trump foi algo paradoxal para alguém que se apresentava como republicano, visto que criticou duramente políticos tradicionais do partido, além de acusar diversas empresas de terem “exportado” empregos americanos ou deixado de pagar os impostos devidos (Eatwell, 2018).

Segundo Arhin e Stockemer (2023), a agenda Populista de Direita Radical de Trump minou a confiança das pessoas nas eleições e no Partido Republicano, mesmo após o término de sua presidência. Uma consideração neste sentido vem da perspectiva de Kjeldgaard-Christiansen (2024), de que Trump enxergava que os verdadeiros americanos estavam sob pressão econômica e cultural de uma classe emergente de estrangeiros — mexicanos e outros — que foram injustamente favorecidos pelo sistema político. Assim, Donald Trump se posicionou como um *outsider* que combate a elite corrupta de Washington.

Segundo Trump, essas elites estão desconectadas das necessidades e desejos do povo comum americano. O que ajudou a conquistar eleitores que estavam cansados da política tradicional e viam as elites como distantes de suas preocupações cotidianas (Bucy *et al.*, 2019). Como exemplo foi a posição firme de Trump contra Hillary Clinton, de acordo com o ex-presidente a candidata era a personificação das instituições e dos agentes políticos responsáveis por os EUA estarem em crise (Homolar, Scholz, 2019), como mostram as figuras abaixo:

**Figura 9 – Trump sobre a credibilidade de Hillary**



Fonte: @realDonaldTrump via Twitter, 2016

**Figura 10 – Donald Trump sobre o que aconteceria com os EUA caso Hillary ganhasse as eleições de 2016**



Fonte: @realDonaldTrump via Twitter, 2016.

Neste sentido, a manipulação da segurança ontológica pelos movimentos populistas de direita, como o de Trump, revela um aspecto preocupante da política contemporânea. Ao prometer estabilidade e um retorno a uma ordem percebida como perdida, esses líderes ganham apoio popular em meio ao caos e à incerteza. Para Löfflmann (2022), Trump foi capaz de tranquilizá-los de que ele estava lutando pelos interesses culturais, pelos valores e pelo passado glorioso dos Estados Unidos: “Trump combinou os papéis de protetor do povo e defensor da nação com o de um fervoroso guerreiro cultural” (Löfflmann, 2022, p.549). No entanto, ao fazer isso, essas narrativas tendem a aprofundar divisões sociais e alimentam conflitos, resultando em uma sociedade mais fragmentada e polarizada (Mitzen, Larson, 2017):

Narrativas sobre a necessidade de proteger uma comunidade nacional ameaçada oferecem uma fórmula atraente para estabilizar identidades ameaçadas pelas mudanças tecnológicas, socioeconômicas e culturais cada vez mais aceleradas. No entanto, ao reforçar as percepções de que a nação enfrenta ameaças esmagadoras, essas narrativas tendem a consolidar padrões rígidos e defensivos de comportamento político, ao bloquear a capacidade de encontrar abordagens criativas e adaptativas para enfrentar novos desafios (Levinger, 2017, p.16, tradução da autora)<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Do original: “Narratives about the need to protect an imperiled national community offer a compelling formula for stabilizing identities threatened by everaccelerating technological, socioeconomic, and cultural change. Yet, by reinforcing perceptions that the nation confronts overwhelming threats, such narratives tend to lock in place rigid and defensive patterns of political behavior, blocking the ability to find creative and adaptive approaches to addressing new challenges” (Levinger, 2017, p.16).

A partir disso, é possível compreender que o indivíduo se encontra intrinsecamente em um estado de carência, desprovido de uma identidade coesa e estável, o que o leva a uma busca contínua para preencher esse vazio e superar a impossibilidade de uma identidade fixa (Campbell, 1992; Homolar, 2021; Löffmann, 2022). Segundo Soares (2023), esta abordagem oferece uma perspectiva produtiva para perceber a segurança ontológica não como um objetivo simples e despolitizado a ser alcançado, mas como uma narrativa poderosa que nunca pode ser plenamente realizada. Essa narrativa continua a desempenhar um papel crucial na forma como indivíduos e grupos constroem suas próprias compreensões de si mesmos e do mundo ao seu redor (Restad, 2022).

A campanha de Trump concentrou-se em criar um forte senso de identidade coletiva, ao se posicionar como o representante simbólico e prático do grupo. Segundo Kinnval (2018), o sucesso de Trump não se deve apenas aos seus comícios políticos, que foram cuidadosamente planejados como performances, mas também à sua habilidade de se apresentar e de representar sua plataforma de uma maneira que ressoasse com as experiências e percepções de seus potenciais seguidores a partir de suas vivências: “Não é apenas o fato de Trump estar disposto a ser provocador. Ele é excitante para muitas pessoas porque diz coisas que elas sentem que não podem dizer” (Guo, 2015, s.p, tradução da autora)<sup>34</sup>.

Assim, ao repensar na performance política de Trump em 2016, Kissas (2019) destaca que o ressentimento age como um elo entre a personalidade de Trump e seu perfil como candidato, fundindo-os na persona desafiadora: um líder que, graças à sua autoproclamada superioridade e bravata, ousa falar e agir de maneira politicamente incorreta que seus seguidores imaginam desejar, mas frequentemente não aplicam em suas vidas diárias, ou seja, uma forma reprimida de desejo por vingança (Kissas, 2019). Apesar de o líder desafiador não ser necessariamente como eles, seus seguidores conseguem identificar-se com ele, vendo nele uma versão idealizada de seu próprio eu coletivo, especialmente patriótico (Goethals, 2018):

É importante apreciar as percepções de privação relativa e justiça procedimental ao entender como as crenças das pessoas sobre o que merecem, ou seja, sobre o que estão recebendo em relação aos outros, e suas crenças sobre como as decisões sobre a distribuição desses resultados são realmente feitas pelas pessoas no poder, podem ser influenciadas pelo que lhes é dito por outras pessoas, especialmente

---

<sup>34</sup> Do original: “It’s not just that Trump is willing to be provocative – he’s exciting to many people because he says things they feel they can’t say” (Guo, 2015, s.p, tradução da autora)<sup>34</sup>.

líderes. Líderes populistas podem persuadir seus seguidores de que merecem mais e que as elites que decidem o que eles e outros grupos recebem estão sendo injustos (Goethals, 2018, p. 514, tradução da autora)<sup>35</sup>

Apesar de Trump ter se posicionado como um defensor da classe popular, foi seu foco nas questões culturais que atraiu a maior parte de seus eleitores (Whitehead, Perry, Baker, 2018). Seus concorrentes não conseguiram oferecer uma alternativa convincente, deixando o caminho livre para Trump ganhar apoio. Ao não conseguirem criar uma narrativa inclusiva que abordasse efetivamente as principais preocupações dos eleitores, acabaram por fortalecer a posição de Trump (Reicher, Haslam, 2016).

Dessa forma, com seu discurso *American First*, Donald Trump adotou uma abordagem que desafiava o *establishment* político dos EUA, sua retórica populista se baseou em apelos a essas preocupações e frustrações, muitas vezes destacando questões como imigração, com um enfoque notável na xenofobia e no nativismo (Mudde, Kaltwasser, 2017; Pini, 2021). Ele retratou os estrangeiros como ameaças à segurança e ao emprego dos americanos, construiu um discurso que ressoou com aqueles que se sentiam afetados pelas mudanças econômicas e culturais:

Seus discursos de campanha presidencial construíram imagens vívidas de quem pode pertencer e quem deve ser excluído, de quem é forte e quem é fraco, e de quem é vencedor e quem é perdedor. **Os outros que Trump consistentemente enquadrado como responsáveis pelo estado de crise dos Estados Unidos e como diametralmente opostos a ele próprio e ao povo americano consistem em dois grupos de atores sociais: (1) o *establishment* fraco, egoísta e desvinculado; e (2) estrangeiros que entram no país ou lideram países que querem explorar os EUA por razões econômicas e de segurança** (Homolar, Scholz, 2019, p. 351, tradução da autora)<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Do original: “Important to appreciating perceptions of relative deprivation and procedural justice is understanding how people’s beliefs about what they deserve, that is, about what they are getting relative to others, and their beliefs about how decisions about the distribution of such outcomes are actually made by those in power, can be influenced by what they are told by other people, particularly leaders. Populist leaders can persuade their followers that they deserve more and that the elites making decisions about what they and other groups are getting are using unfair procedures.” (Goethals, 2018, p. 514).

<sup>36</sup> Do original: “His presidential campaign speeches constructed vivid images of who gets to belong and who gets to be excluded, of who is strong and who is weak and of who is a winner and who is a loser. The ‘others’ that Trump consistently framed both as responsible for America’s state of crisis and as diametrically opposed to Trump, himself and the American people consist of two sets of social actors: (1) the weak, self-serving and detached ‘establishment’; and (2) foreigners who either flow into the country or lead countries that want to exploit the US for economic and security reasons” (Homolar, Scholz, 2019, p. 351)

À vista disso, Mudde (2017) destaca que é preciso ter em mente que nas eleições de 2016 havia dois grupos importantes: os que votaram em Trump e os que os apoiam Trump. Ou seja, o verdadeiro eleitorado de Trump não são apenas os indivíduos que votam contra a Hillary Clinton, mas contra qualquer outro adversário mesmo sendo outro republicano. Assim, seus ataques aos oponentes eram marcados por uma linguagem direta, simples e cortante, usada em comícios para destacar sua autenticidade como um *outsider* em Washington (Conley, 2020).

A linguagem utilizada na campanha de Trump foi profundamente enraizada em tradições nacionalistas, ao atuar como um marcador de identidade que oferecia segurança para mitigar a insegurança existencial (Kinnvall, 2004). Essa insegurança existencial não apenas minava a confiança, mas também amplificava a percepção de ameaças externas (Rumelili, 2014; Mudde, 2017; Goethals, 2018; Hall, 2022). Trump aproveitou-se dessa vulnerabilidade, exagerando a ameaça da globalização como um perigo para o modo de vida tradicional americano e prometendo, ele mesmo, resolver essa questão.

Em suma, a campanha presidencial de 2016 não pode ser compreendida apenas como uma reação partidária convencional, mas como a adoção de posições que ecoavam as preocupações de uma parte significativa da população americana (Homolar, Scholz, 2019). Esse apelo encontrou eco em questões como imigração, economia e identidade cultural, temas nos quais Trump adotava uma postura populista e nativista, com objetivo de mobilizar eleitores com uma narrativa de proteção dos interesses nacionais contra ameaças percebidas, tanto internas quanto externas (Hall, 2022). Portanto, é possível identificar que o Populismo de Direita Radical envolve a adoção de posições políticas que apelam às preocupações e frustrações de segmentos da população que se sentem marginalizados, desfavorecidos ou ignorados pelas elites políticas tradicionais. Neste sentido, o próximo tópico irá avaliar as questões que envolvam o autoritarismo, o nativismo e o populismo durante a campanha no *Twitter* e explorados para mobilizar e consolidar um apoio político significativo.

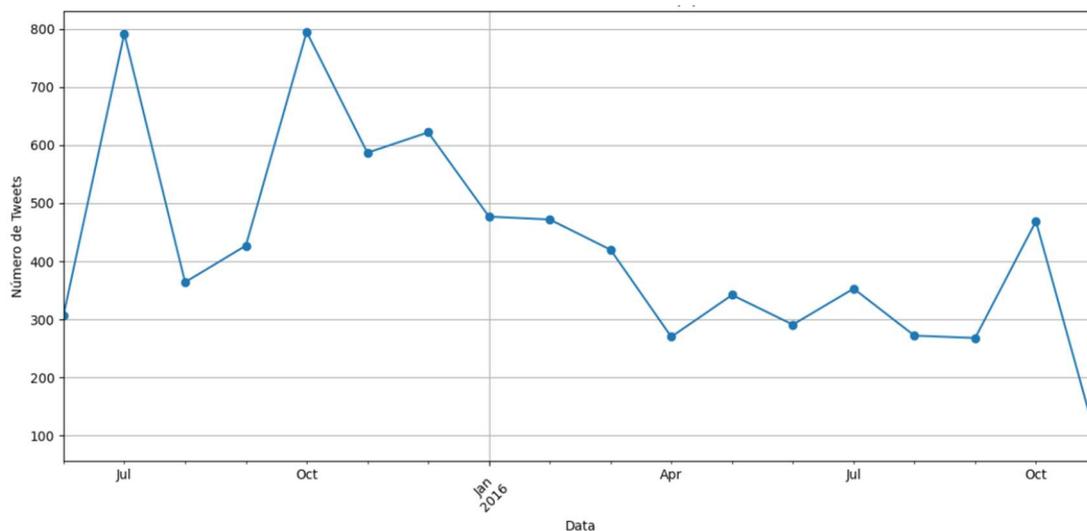
## **5.2 Trump no Twitter: O agente do caos?**

Em uma entrevista ao canal de notícias Fox News que foi ao ar em 15 de março de 2017, Trump comentou que sem o *Twitter* ele não teria chegado até a presidência (Demata, 2018). A plataforma foi usada de forma estratégica para alavancar sua campanha presidencial ao se aproximar de seu eleitorado. Ao final de 2016, Trump já contava com cerca de 17,6 milhões de seguidores (Pini, 2021). A sua espontaneidade,

principalmente no *Twitter*, o conferiu um certo grau de autenticidade (Kissas, 2019), e, por meio de suas postagens na plataforma, conseguiu espalhar suas mensagens controversas e provocativas para uma audiência vasta e engajada. Ao explorar o poder das redes sociais, Trump conectou-se diretamente com seus seguidores, formando uma base de apoio e que fortaleceu o movimento da Utradireita nos EUA (Mudde, 2017).

De acordo com Kjeldgard-Christiansen (2024), uma das principais formas de Trump criar uma conexão próxima com seus apoiadores aconteceu por meio da virulência de seus ataques, da rapidez de suas respostas a eventos atuais e da informalidade de sua linguagem, além disso seus seguidores puderam interagir diretamente com Trump e não com um porta-voz. Ao utilizar o *Twitter* como um canal de comunicação direta e imediata com os eleitores, Trump evitou a filtragem e a interpretação dos meios de comunicação tradicionais. Segundo Wahal-Jorgensen (2018), esta abordagem permitiu transmitir suas mensagens de maneira rápida e direta, muitas vezes em tempo real, conectando-se de forma mais autêntica.

**Gráfico 2 – Frequência de *tweets* de Donald Trump por mês ao longo da campanha de 2016**

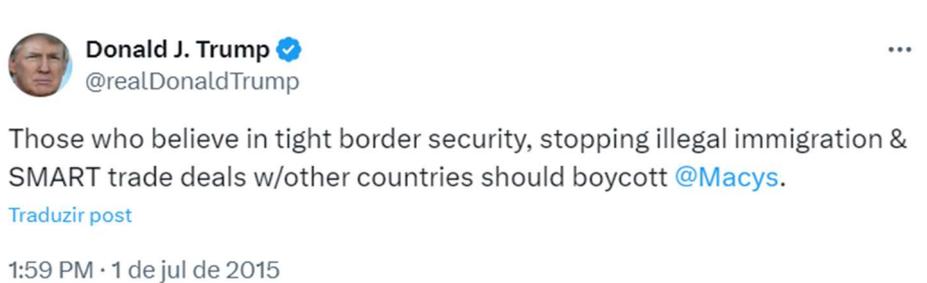


Fonte: Elaboração própria da autora, 2024

Assim, o gráfico acima representa a frequência em que Trump mais utilizou a plataforma entre 2015 e 2016. É possível notar que os maiores picos ocorrem em julho de 2015 e em outubro de 2015. Ao olhar mais detalhadamente sobre o que se tratavam os *tweets* publicados no mês de julho, foi possível identificar que Trump engendrou uma cruzada contra a loja de departamento Marcys. Que em 2015 anunciou sobre a decisão de encerrar sua parceria comercial com Donald Trump. De acordo com a empresa (UOL,

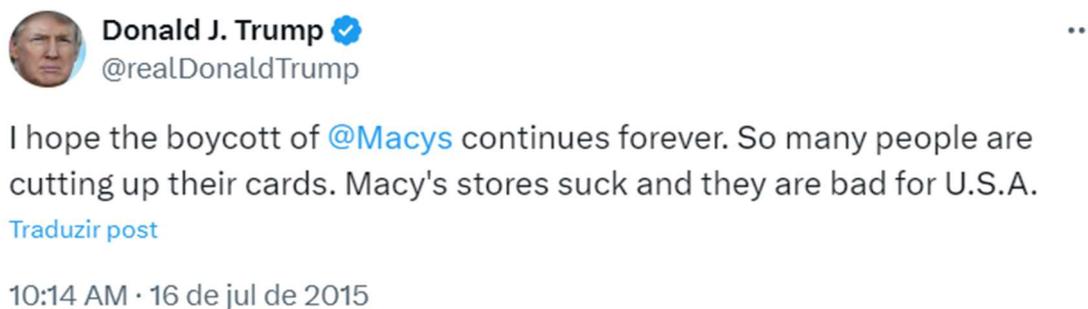
2015). A decisão foi motivada pelos comentários controversos de Trump contra imigrantes mexicanos, considerados incompatíveis com os valores da Macys. Em comunicado oficial, a empresa expressou desapontamento e consternação com as declarações de Trump, ao enfatizarem que a diversidade e a inclusão são princípios da empresa.

**Figura 11 – Trump sobre boicote a loja Macys**



Fonte: @realDonaldTrump via Twitter, 2015

**Figura 12 – Trump sobre boicote a loja Macys**



Fonte: @realDonaldTrump via Twitter, 2015

Essa estratégia não apenas demonstrou sua habilidade em utilizar as redes sociais para mobilizar apoio entre seus seguidores, mas também evidenciou sua postura combativa e controversa diante de críticas corporativas. Esse episódio destacou as tensões entre Trump e grandes corporações, e também exemplificou como suas declarações públicas frequentemente polarizavam a opinião pública e provocavam reações significativas no cenário empresarial e político.

Já em outubro de 2015, Trump intensificou sua presença no Twitter. Seus posts faziam críticas aos seus adversários, além de desafiar líderes de seu próprio partido republicano. Seus *tweets* frequentemente desafiavam a ortodoxia política tradicional e enfatizavam sua imagem como um outsider que não estava comprometido com interesses

estabelecidos. Trump usava a plataforma para lançar ataques diretos contra rivais nas primárias republicanas, ao destacar suas diferenças políticas ao reforçar seu apelo como um candidato capaz de realizar mudanças radicais.

Além disso, suas postagens no *Twitter* em outubro de 2015 refletiam uma estratégia de comunicação agressiva e não convencional, projetando-se como um líder forte e decidido a desafiar o status quo político. Essa abordagem não apenas capturou a atenção da mídia e dos eleitores, mas também solidificou sua posição como um disruptor dentro do partido republicano, cujas opiniões muitas vezes dividiam tanto a base eleitoral quanto os líderes do partido:

**Figura 13 – Trump sobre o *establishment* do partido Republicano**



Fonte: @realDonaldTrump via Twitter, 2016.

**Figura 14 – Trump sobre outros candidatos falarem sobre imigração ilegal**



Fonte: @realDonaldTrump via Twitter, 2016.

Trump também utilizou a plataforma para disseminar teorias da conspiração e notícias falsas, ao alimentar o ressentimento e a desconfiança em relação às instituições e à mídia tradicional. Conforme explica Pini (2021), essa estratégia reforçou a narrativa de que ele estava lutando contra um sistema corrupto, o que fortaleceu seu apelo entre aqueles que já desconfiavam do *establishment*. Esses episódios demonstram como Trump utilizou habilmente as redes sociais para moldar sua imagem pública, construir uma base

de apoio fiel e estabelecer uma narrativa de mudança radical durante sua campanha presidencial.

Seu apelo aos eleitores descontentes focou em temas como imigração, globalização e segurança, Trump usou o *Twitter* para expressar críticas contundentes ao sistema político e econômico dos EUA. De acordo com Goethals (2018), a narrativa de Donald Trump fez com que segmentos significativos da população se vissem não apenas como injustiçados privados, mas também como injustamente desprezados ou desrespeitados. Além disso, outra estratégia foi a descredibilização dos seus adversários por meio de ataques diretos e apelidos depreciativos, como *Crooked Hillary*<sup>37</sup>. Kissar (2020) destaca que Trump recebe a autoridade para falar de maneira crível e rejeitar um sistema manipulado que somente ele conhece e, além de mirar aqueles que ainda o defendem, especialmente sua oponente Hillary Clinton. Assim, esses ataques constantes não só moldaram percepções negativas sobre seus oponentes, mas também mantiveram sua base de apoio energizada e engajada.

Seu uso do Twitter em 2016 serviu como um exemplo de como as redes sociais podem ser utilizadas para construir e energizar uma base Populista de direita ao redefinir as dinâmicas da comunicação política contemporânea (Kjeldgaard-Christiansen, 2024). Além de comunicar suas ideias, Trump usou o *Twitter* para mobilizar seus seguidores, convocando-os para eventos de campanha, incentivou a participação nas eleições e promoveu o uso de hashtags como *#MakeAmericaGreatAgain* e movimentos sociais como o *#AskTrump*.

Dessa forma, esta capacidade de mobilização rápida e eficaz ajudou a criar um senso de comunidade e propósito compartilhado entre seus apoiadores. Por meio de comunicação direta, controle da narrativa, ataques a adversários, disseminação de teorias da conspiração e mobilização de seguidores, Trump conseguiu criar um movimento dinâmico e influente. Sua habilidade em utilizar as redes sociais para energizar e engajar eleitores descontentes foi um fator crucial para seu sucesso eleitoral. Ademais, o *Twitter* de Trump, assim como seus comícios, funcionavam como uma câmara de eco que principalmente reforçava as crenças existentes de seus apoiadores e os motivava a votar (Conley, 2020).

Trump compreendeu que suas postagens controversas e inflamadas, asseguravam sua posição no epicentro das discussões políticas e midiáticas. Assim, próximo tópico,

---

<sup>37</sup> Pode ser traduzido como Hillary Desonesta.

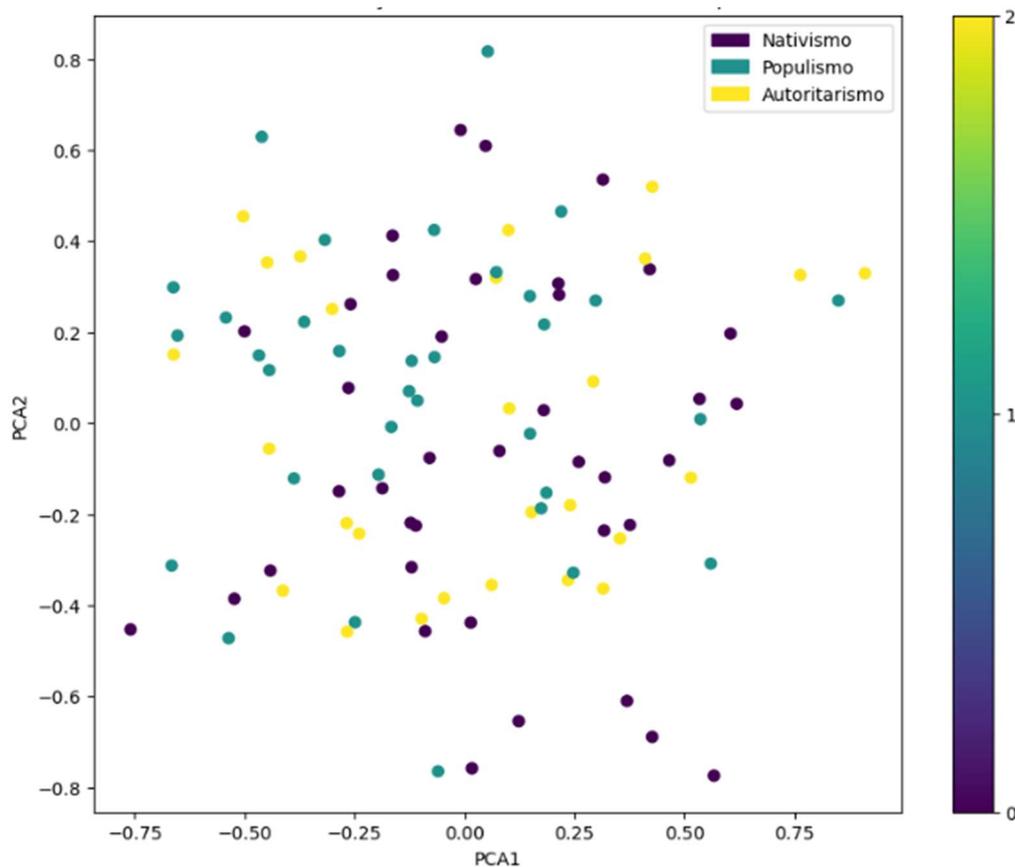
será abordada a análise dos elementos do populismo, nativismo e autoritarismo presentes na estratégia política de Trump, ao destacar como esses conceitos moldaram sua abordagem e influenciaram o cenário político contemporâneo.

### **5.3 Elementos do PDR Trumpista nos *tweets***

Nos *tweets* de Donald Trump, são visíveis traços distintos de populismo, nativismo e autoritarismo. O nativismo se destaca nas suas políticas anti-imigração e na promoção de uma identidade nacionalista que questiona o papel dos estrangeiros nos Estados Unidos. O autoritarismo de Trump se reflete na sua abordagem não convencional à política que desafia as normas institucionais, o que fortalece seu apoio entre aqueles que desconfiam das estruturas de poder tradicionais. Além disso, o populismo se revela na sua comunicação direta e na crítica à política tradicional ao despertar um sentimento de injustiça entre seus seguidores.

Assim, o gráfico abaixo mostra a distribuição dos *tweets* de Donald Trump em um espaço bidimensional, derivado da análise de componentes principais (PCA), a partir das palavras sementes atribuídas a cada um. Cada ponto representa um *tweet*, colorido de acordo com o cluster atribuído pela técnica de clusterização. Os clusters foram identificados como representando diferentes temas predominantes nos *tweets* que incluem o nativismo, populismo e autoritarismo. No Cluster A (Nativismo), foram analisados os *tweets* relacionados a políticas de imigração e identidade nacional. No Cluster B (Populismo), os *tweets* enfatizam questões populares e críticas à elite política. Já no Cluster C (Autoritarismo), os *tweets* expressam tendências autoritárias ou antidemocráticas:

**Gráfico 3 – Clusterização dos *tweets* de Trump**



Fonte: Elaboração própria da autora, 2024

A análise revela uma clara separação entre os clusters de nativismo, populismo e autoritarismo que indicam a consistência dos temas abordados por Donald Trump em sua comunicação via *Twitter*. Dessa forma, é possível notar que segmentação oferece uma ideia sobre os padrões retóricos do ex-presidente, os quais desempenharam um papel crucial na construção de sua imagem pública e na moldagem de suas políticas. A partir deste contexto, os próximos tópicos abordam o nativismo, o autoritarismo e o populismo nos *tweets* de Trump. Nos próximos tópicos, são explorados cada um desses clusters, que são temas que não apenas ilustram os pilares ideológicos de Trump, mas também oferecem uma visão ampliada das estratégias discursivas que ele empregou para conquistar a presidência e construir o PDR Trumpista.

### 5.3.1 Elementos Nativistas

O nativismo é uma ideologia política que privilegia os interesses dos habitantes nativos de uma nação em detrimento dos imigrantes. Segundo Mudde (2017), o nativismo tem sido uma força para políticas eleitorais desde o século 19. Essa ideologia muitas vezes

se manifesta em políticas anti-imigração e retórica que descreve os imigrantes como uma ameaça cultural, econômica e de segurança. De acordo com Kenny (2017), o nativismo tem como foco a restauração dos valores nacionais e uma imagem idealizada de uma ordem passada.

De acordo com Hall (2022), Trump associou imigração a questões de segurança nacional, especialmente no contexto do terrorismo, amplificando medos e preocupações entre seus seguidores. Assim, o nativismo de Trump foi baseado em uma retórica anti-imigração, enfatizou fortemente a questão da imigração ao prometer construir um muro na fronteira com o México e deportar imigrantes ilegais. Conforme o que explica Ahmed (2014), ao discutir o perigo do estrangeiro, são criados os limites criados entre aqueles que são vistos como pertencentes e aqueles percebidos como “origens de perigo”.

As palavras destacadas no cluster sobre nativismo mostram que os conteúdos dos *tweets* de Trump tinha um foco relacionado a questão da imigração e da identidade nacional. Sendo Hall (2022), entender como narrativas anti-imigração naturalizam uma melancolia pós-colonial é essencial para analisar como o poder opera na busca por um passado étnico idealizado, em que a nação e povo eram vistos como um só.

Figura 16 – Palavras mais presentes no cluster sobre nativismo



Fonte: Elaboração própria da autora, 2024

Assim, segundo Rumelili (2022), a estrutura ideológica do nativismo oferece certeza em tempos incertos, visto que evoca por ideias e rotinas familiares. De acordo com Löffmann (2022), a base eleitoral de Trump era composta por branco sem educação

universitária e da classe trabalhadora do Sul e Meio Oeste, em uma de opinião pública, os eleitores de Trump expressaram uma combinação de nativismo, pessimismo econômico e alienação política. Nesse contexto, Trump conseguiu capitalizar por meio de uma retórica populista nacionalista de raiva *anti-establishment*, restauração nacional, protecionismo

Trump apelou para o ressentimento cultural e econômico de muitos americanos que sentiam que a imigração estava mudando a identidade nacional e competindo por empregos e recursos como ilustra a figura quinze. Kinvall (2018) e Kenny (2017) refletem que o nativismo incorpora um aspecto econômico significativo conhecido como chauvinismo de bem-estar, que surge de condições sociais que fomentam uma mentalidade populista, que inclui empregos instáveis, insegurança econômica crescente, além da adoção de regimes de bem-estar mais severos e o agravamento das disparidades regionais já existentes.

### 5.3.2 Elementos Autoritários

Ao colocar ênfase em segurança e proteção em vez de promover mudança social, e ao se posicionar como um líder inflexível na defesa de um estilo de vida tradicional, a retórica divisível de Trump adotou um conjunto de valores autoritários que muitos eleitores populistas compartilhavam e respaldavam (Löfflmann, 2022). O autoritarismo refere-se a uma forma de governo ou liderança que se caracteriza pela centralização do poder, falta de respeito por processos democráticos, e ênfase na ordem e obediência. Líderes autoritários tendem a usar retórica forte, medidas de segurança rígidas e desconfiança de instituições estabelecidas (Mudde, 2017; MacWilliams, 2016).

De acordo com Krämer (2017), o autoritarismo moderno representado por Trump surge da visão política que impulsionou a criação das redes sociais desde o início – uma visão que desconfia da propriedade pública e do processo político. Trump colocou em prática a ideia de um inimigo interno ao expressar sua desconfiança sobre instituições tradicionais, o sistema judiciário e o governo, sugerindo que essas estavam corrompidas ou ineficazes (Homolar, Löfflmann, 2021). Assim, de acordo com Löfflmann (2022) essa estratégia populista baseada no autoritarismo constrói a ideia de um “eu americano” no espaço público, baseado na soberania popular e identidade nacional, explicitamente contra os inimigos do povo americano.

As palavras destacadas no cluster sobre autoritarismo reforçam a certeza de que as publicações de Trump reforçavam uma insegurança ontológica. Assim, o ex-presidente

explorava uma percepção de desempoderamento entre seus seguidores ao argumentar que a perda de identidade cultural, segurança econômica e relevância política estava enraizada em um sistema que ele caracterizava como corrupto e manipulado. Essa disposição para deslegitimar o sistema democrático e suas salvaguardas é uma característica típica de líderes autoritários, que buscam concentrar poder e eliminar oposições institucionais (Homolar, Löfflmann, 2021):

**Figura 16 – Palavras mais presentes no cluster sobre autoritarismo**



Fonte: Elaboração própria da autora, 2024

De acordo com Stenner (2009), a sensação de mudança social desestabilizadora, bem como ameaças à segurança ontológica e física, mobiliza indivíduos não-autoritários a se identificarem com discursos autoritários. Essas percepções fomentam um comportamento político generalizado voltado para restabelecer a normalidade e apoiar os líderes nacionalistas autoritários que prometem lidar decisivamente com os problemas de instabilidade, crise e desintegração social. Conforme apontado por Booucher e Thies (2019), durante a campanha eleitoral de 2016, Trump prometeu usar sua autoridade para proteger os americanos comuns dos caprichos da globalização. A narrativa de Trump capitalizava os temores econômicos existentes, mas também reforçava a percepção de que os americanos estavam perdendo o controle sobre seu próprio destino econômico devido a forças externas.

Segundo Hall (2022), ao enfatizar esses temas e ao posicionar-se como um líder que prometia restaurar o controle e a segurança para os americanos comuns, Trump

apelava diretamente para aqueles que se sentiam ameaçados pela mudança rápida e pela perda de estabilidade. Esse tipo de abordagem não apenas canalizava a ansiedade pública em direção a apoio político, mas também refletia uma estratégia consciente de mobilizar eleitores por meio da promessa de segurança e controle em um mundo percebido como cada vez mais incerto e desafiador (Rumelili, 2021).

Assim, é importante notar que os indivíduos não precisam ter inclinações autoritárias significativas para expressar uma preferência eleitoral por um líder autoritário, ou um agente político autodenominado forte, como Trump (Homolar, Scholsz, 2019). Em vez disso, agentes políticos podem evocar ativamente tal preferência ao criar a percepção de que o mundo é caótico, incerto e alienante e que as principais instituições públicas estão falhando em inspirar confiança.

### 5.3.3 Elementos Populistas

Políticos populistas tendem utilizar uma retórica simples e emocional para mobilizar apoio popular, posicionando-se como *outsiders* que podem reformar o sistema. De acordo com Cervi e Tejedor (2022), o populismo contemporâneo pode ser reconhecido como excludente, visto que se aproveita das divisões identitárias ao problematizar as divisões existentes na sociedade. Ao identificar como inimigos aqueles que supostamente ameaçam atravessar essas fronteiras estabelecidas.

Na campanha 2016, Trump canalizou as frustrações de muitos americanos que se sentiam abandonados pela globalização e mudanças econômicas, apresentando-se como a voz daqueles que não eram ouvidos pelo sistema (Soares, 2023; Pini, 2021). Trump prometeu uma ruptura com o *status quo*, propondo políticas e medidas que afirmava serem voltadas para beneficiar o cidadão comum, ao invés dos interesses especiais.

Conforme a figura 17, as palavras mais presentes no cluster sobre populismo revelam que a construção de uma identidade popular coletiva exige a criação de laços de equivalência entre diversos grupos sociais, por meio da formulação de uma figura de inimigos em comum, capaz de temporariamente mitigar as diferenças entre os membros dessa coalizão política. Essa estratégia permite aos discursos populistas retratarem a sociedade como dividida em dois campos antagônicos: o povo *versus* a elite (Wojczewski, 2020). Assim, o líder populista se coloca ao lado do povo, dando voz às suas aspirações ao assumir seu papel de legítimo representante.

**Figura 17 – Palavras mais presentes no cluster sobre populismo**



Fonte: Elaboração própria da autora, 2024

Durante a campanha Trump utilizou um discurso centrado na ideia de humilhação, especialmente ao retratar certos grupos como inimigos do “verdadeiro” povo americano. Ele explorou sentimentos de perda e derrota entre seus seguidores, muitas vezes caracterizando a elite política e econômica como responsável por suas dificuldades e insatisfações (Homolar, Löffmann, 2021). Ao fazer isso, Trump não apenas criou uma narrativa de união entre seus apoiadores, mas também fomentou um sentimento de ressentimento compartilhado contra aqueles que ele retratava como não pertencentes à visão de um Estados Unidos autêntico (Erbele, 2017; Kinvall, 2018 Wojczewski, 2019).

Diante disso, a combinação de nativismo, autoritarismo e populismo em publicações no Twitter contribuíram para a construção de uma base populista robusta e engajada, o que transformou o panorama político dos Estados Unidos. Juntos, esses elementos evidenciam as maneiras pelas quais os discursos públicos de Trump exploram os elementos de transgressão, ao ultrapassar os limites do que é aceitável dentro do pensamento liberal progressista (Hochschild, 2016; Soares, 2023). Nesse contexto, essa forma de transgressão não estava em desacordo com os valores conservadores que Trump afirmava defender, mas era fundamental para o modo de vida que ele veio a inspirar entre aqueles que se identificavam. Ao oferecer uma visão clara e emocionalmente ressonante, Trump conseguiu mobilizar eleitores descontentes, redefinir as normas políticas e estabelecer um novo paradigma para campanhas eleitorais futuras.

De acordo com Stolee e Caton (2018), o ressentimento é uma força motriz essencial do Populismo de Direita Radical: rancor, mágoas, vitimização mal disfarçada e outras reações emocionais são o coração afetivo do *trolling* na internet, *tweets* e discursos de Trump. Sendo assim, os *tweets* publicados durante a campanha presidência foram fundamentais para fornecer um senso de segurança ontológica a muitos de seus seguidores. Ao criar uma narrativa clara e emocionalmente ressonante, definir identidades e inimigos, e oferecer promessas de estabilidade e recuperação, Trump conseguiu conectar-se profundamente com eleitores que buscavam uma sensação de controle e continuidade em tempos incertos. A segurança ontológica proporcionada por suas mensagens foi um fator crucial para a mobilização e lealdade de sua base durante a campanha presidencial.

O Populismo de Direita Radical, exemplificado pela ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos, ilustra como movimentos políticos podem explorar a necessidade humana de segurança ontológica para ganhar apoio. Ao considerar que a segurança ontológica se refere à necessidade fundamental das pessoas de manter uma identidade estável e previsível, especialmente, em tempos de mudança e incerteza, Donald Trump soube explorar essa necessidade ao fornecer narrativas simplificadas e polarizadoras. Essas narrativas prometiam restaurar a ordem e o controle, e criaram uma sensação de segurança e pertencimento entre seus seguidores e formaram a base do PDR Trumpista.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas eleições de 2016, Donald Trump utilizou uma mistura de nativismo, autoritarismo e populismo para construir uma mensagem poderosa e coesa que atraiu muitos eleitores. Sua retórica anti-imigração, ênfase em segurança e ordem, e ataques às elites e instituições estabelecidas criaram uma plataforma que ressoava com os sentimentos de insegurança e frustração de muitos americanos. Essa abordagem integrada foi fundamental para o sucesso de sua campanha e para a formação de uma base de apoio dedicada.

As postagens de Trump frequentemente abordavam questões sensíveis que ressoavam com uma base de apoiadores que se sentia marginalizada e buscava uma figura política que os representassem. As mensagens de Trump no *Twitter* ajudaram a consolidar e fortalecer seu Populismo de Direita Radical, ao alimentar a polarização e aprofundar as divisões existentes na sociedade (Stolee, Caton, 2018). A maior vantagem de Trump no *Twitter*, foi conseguir estabelecer inimigos e oponentes que agiam contra os valores estadunidenses, assim para seus seguidores, o então candidato conseguiu explorar um sentimento predominante de ser alvo de perseguição, e de que valores americanos estariam cada vez mais ameaçados.

A teoria da segurança ontológica foi aplicada como base para analisar o populismo no contexto contemporâneo, visto que populistas frequentemente exploram sentimentos de ansiedade e descontentamento em relação a mudanças sociais, econômicas e culturais que ameaçam a estabilidade percebida das pessoas. Prometem restaurar uma ordem social que parece estar em declínio ao oferecer um retorno a um estado de segurança ontológica. Assim, ao explorar a literatura sobre segurança ontológica e ter o sujeito como centro e compreender que este é acompanhado por conceitos que muitas vezes são deixados de lado nos estudos de segurança na RI como os conceitos como insegurança, identidade, prazer, linguagem, medo e ansiedade (Soares, 2023). Esses sentimentos foram elementos que contribuíram para que a mensagem de Trump fosse verdadeiramente aceita por seus eleitores

Durante sua campanha, Trump empregou um discurso fortemente nativista, destacando a imigração como uma ameaça à segurança e à identidade nacional americana. Promessas de construir um muro na fronteira com o México e deportar imigrantes sem documentos ressoaram aos eleitores preocupados com a globalização e mudanças demográficas. Essa retórica foi essencial para criar um senso de proteção e pertencimento

entre seus seguidores, oferecendo uma solução clara e autoritária para questões complexas e percebidas como ameaçadoras.

Além disso, Trump exibiu tendências autoritárias ao prometer restaurar a lei e ordem ao deslegitimar instituições tradicionais como a mídia e o sistema judicial. Sua abordagem combativa e a promoção de uma liderança forte e decisiva proporcionaram uma sensação de segurança ontológica para muitos eleitores, que se sentiam desamparados e desconfiados em relação às instituições estabelecidas. O populismo foi o fio condutor que uniu essas tendências. Trump posicionou-se como um *outsider* antielitista que prometeu devolver o poder ao povo e atacar uma elite corrupta. Sua retórica simples e emocional, combinada com uma presença constante no Twitter, permitiu-lhe mobilizar rapidamente seus seguidores e manter-se no centro do debate público.

O uso estratégico do *Twitter* foi fundamental para a construção e mobilização da base populista de direita de Trump. Sua capacidade de engajar emocionalmente seus eleitores, amplificar teorias da conspiração e desinformação, e atacar adversários políticos ajudou a criar uma base de eleitores dedicados. Os *tweets* de Trump forneceram uma sensação de segurança ontológica a muitos de seus seguidores. Ao criar uma narrativa coerente de crise e restauração, definir de forma clara os inimigos e reforçar identidades específicas, ele conseguiu oferecer uma âncora psicológica em tempos de incerteza. Seus seguidores encontraram em sua retórica e políticas uma forma de reafirmar suas próprias identidades e valores, sentindo-se parte de uma comunidade maior com um propósito compartilhado.

Dessa forma, a intersecção desses elementos criou uma narrativa poderosa que continua a influenciar a política americana, ao refletir as complexas dinâmicas de identidade, poder e pertença na era digital. Em conclusão, o PDR Trumpista exemplifica como líderes políticos podem explorar a necessidade humana de segurança ontológica para ganhar poder e influência. Ao criar e capitalizar medos, oferecem uma falsa sensação de segurança que, embora eficaz a curto prazo, pode ter consequências profundas e duradouras para a coesão social e a estabilidade política. Grande parte do apelo populista de líderes nacionalistas autoritários como Trump está na sua capacidade de entrelaçar estratégias discursivas de legitimação que são construídas em torno da narrativa de crises e perdas, com histórias afetivas de um passado repleto de grandeza e estabilidade.

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Routledge, 2013.

ÅKERLUND, Mathilda. **FAR RIGHT, RIGHT HERE**: interconnections of discourse, platforms, and users in the digital mainstream. 2022. 96 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculty of Social Sciences, Department Of Sociology, Umeå University, Umeå, 2022. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1632831&dswid=3142>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ANANDARAJAN, Murugan; HILL, Chelsey; NOLAN, Thomas. **Practical Text Analytics: Maximizing the value of text data**. 2. ed. Gewerbestrasse: Springer, 2019.

ANNICCHINO, Pasquale. L'Anticristo e la fine del mondo. La Religious Right statunitense tra egemonia costituzionale e influenza internazionale. **Jura Gentium: Rivista di filosofia del diritto internazionale e della politica globale**, v. 20, n. 2, p. 65-79, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9267790>. Acesso em 12 dez 2023.

ARFI, Badredine. Security qua existential surviving (while becoming otherwise) through performative leaps of faith. **International Theory**, v. 12, n. 2, p. 291-305, 2020. DOI doi:10.1017/S1752971920000123.

ARHIN, Kofi; STOCKEMER, Daniel; NORMANDIN, Marie-Soleil. The Republican Trump Voter: A Populist Radical Right Voter Like Any Other?. **World Affairs**, v. 186, n. 3, p. 572-602, 2023. DOI <https://doi.org/10.1177/00438200231176818>

AYRES PINTO, Danielle Jacon; MORAES, Isabela. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. **Revista de Estudos Sociais**, n. 74, p. 71-82, 2020. DOI <https://doi.org/10.7440/res74.2020.06>

BBC. **Pepe the Frog meme branded a “hate symbol”**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-37493165>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BALDWIN-PHILIPPI, Jessica. The technological performance of populism. **New media & society**, v. 21, n. 2, p. 376-397, 2018. BALDWIN-PHILIPPI, Jessica. The technological performance of populism. **New media & society**, v. 21, n. 2, p. 376-397, 2019. DOI <https://doi.org/10.1177/1461444818797591>

BAR-ON, Tamir. The Radical Right and Nationalism. In: RYDGREN, Jens (ed.). **The Oxford handbook of the Radical Right**. New York: Oxford University Press, 2018. p. 43-74.

BARTLETT, Jamie. Populism, Social Media and Democratic Strain. In: LODGE, Guy; GOTTFIED, Glenn (ed.). **Democracy in Britain**. London: Institute For Public Policy Research, 2014. Cap. 8. p. 91-96.

BARQUERO, Pablo Ortiz; GONZÁLEZ, Jorge Ramos. Derecha radical y populismo: ¿consustanciales o contingentes?: Precisiones en torno al caso de VOX. **Encrucijadas: Revista Crítica de Ciencias Sociales**, v. 21, n. 2, p. 12, 2021. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/encrucijadas/article/view/88123> . Acesso em 25 mai 2023.

BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 159 p.

BOUCHER, Jean-Christophe; THIES, Cameron G. “I am a tariff man”: The power of populist foreign policy rhetoric under President Trump. **The Journal of Politics**, v. 81, n. 2, p. 712-722, 2019. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/702229>. Acesso em 12 de abril de 2024.

BERENSKOETTER, Felix. Parameters of a national biography. **European journal of international relations**, v. 20, n. 1, p. 262-288, 2014. DOI <https://doi.org/10.1177/1354066112445290>

BERMAN, Sheri. The causes of populism in the west. **Annual Review of Political Science**, v. 24, p. 71-88, 2021. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-041719-102503>.

BOBBIO, Norberto. **Left and right: The significance of a political distinction**. University of Chicago Press, 1996.

BROWN, Wendy. Neoliberalism's Frankenstein: authoritarian freedom in twenty-first century democracies. **Critical Times**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 60-79, 1 abr. 2018. Duke University Press. DOI <http://dx.doi.org/10.1215/26410478-1.1.60>.

BROWN, Katy; MONDON, Aurelien; WINTER, Aaron. The far right, the mainstream and mainstreaming: towards a heuristic framework. **Journal Of Political Ideologies**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 162-179, 5 jul. 2021. Informa UK Limited. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/13569317.2021.1949829>.

BROWNING, Christopher s; JOENNIEMI, Pertti. Ontological security, self-articulation and the securitization of identity. **Cooperation And Conflict**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 31-47, 11 jul. 2016. SAGE Publications. DOI <http://dx.doi.org/10.1177/0010836716653161>.

BRUNS, Axel. Echo chambers? Filter bubbles? The misleading metaphors that obscure the real problem. In: **Hate speech and polarization in participatory society**. Routledge, 2021. p. 33-48.

CANOVAN, Margaret. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. **Political studies**, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999.

CAMPBELL, David. **Writing security: United States foreign policy and the politics of identity**. U of Minnesota Press, 1992.

CARVALHO, Eder José de. **Visual analytics of topics in twitter in connection with political debates**. 2017. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Master Program In Computer Science And Computational Mathematics, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/55/55134/tde-11092017-140904/pt-br.php>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CASTRO VIEIRA, Danilo Porfírio de; PORTELA, Lucas Soares; RABELO, Rebeca Souza. POPULISMO CONTEMPORÂNEO E A NOVA (CIBER) POLÍTICA: UMA NOVA FORMA DE SE FAZER POLÍTICA POR MEIO DA APROXIMAÇÃO DE IDENTIDADES DIGITAIS. **REI-Revista de Estudos Internacionais**, v. 12, n. 2, 2021.

CERVI, Laura; TEJEDOR, Santiago. Borders as the ultimate (de) Fence of Identity: an ontological security approach to exclusionary populism in Italy and Spain. **KOME: AN INTERNATIONAL JOURNAL OF PURE COMMUNICATION INQUIRY**, v. 10, n. 1, p. 1-18, 2022. DOI [10.17646/KOME.75672.83](https://doi.org/10.17646/KOME.75672.83).

CLEEN, Benjamin de. Populism and Nationalism. In: KALTWASSER, Cristóbal Rovira; TAGGART, Paul; ESPEJO, Paulina Ochoa; OSTIGUY, Pierre. **The Oxford Handbook of Populism**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 342-362.  
CHO, Jaeho; AHMED, Saifuddin; HILBERT, Martin; LIU, Billy; LUU, Jonathan. Do search algorithms endanger democracy? An experimental investigation of algorithm effects on political polarization. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 64, n. 2, p. 150-172, 2020. DOI <https://doi.org/10.1080/08838151.2020.1757365>.

CONLEY, Richard S. **Donald Trump and American Populism**. Edinburgh University Press, 2020.

CRAWFORD, Neta C. Institutionalizing passion in world politics: Fear and empathy. **International Theory**, v. 6, n. 3, p. 535-557, 2014. DOI <https://doi.org/10.1017/S1752971914000256>.

CROFT, Stuart. **Securitizing Islam: Identity and the search for security**. Cambridge University Press, 2012.

DALTON, Russell J. The Potential of Big Data for the Cross-National Study of Political Behavior. **International Journal Of Sociology**, [S.L.], v. 46, n. 1, p. 8-20, 2 jan. 2016. Informa UK Limited. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/00207659.2016.1130410>.

DANIELS, Jessie. **Cyber racism: White supremacy online and the new attack on civil rights**. Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

DANIELS, Jessie. The algorithmic rise of the “alt-right”. **Contexts**, v. 17, n. 1, p. 60-65, 2018. DOI <https://doi.org/10.1177/1536504218766>.

DEMATA, Massimiliano. " I think that maybe I wouldn't be here if it wasn't for Twitter". Donald Trump's Populist Style on Twitter. **Textus**, v. 31, n. 1, p. 67-90, 2018. DOI DOI: 10.7370/89446.

DUNCOMBE, Constance. The politics of Twitter: emotions and the power of social media. **International Political Sociology**, v. 13, n. 4, p. 409-429, 2019. DOI <https://doi.org/10.1093/ips/olz013>

EATWELL, Roger. Charisma and the radical right. In: RYDGREN, Jens (ed.). **The Oxford handbook of the radical right**. New York: Oxford University Press, 2018. Cap. 13. p. 251-268.

EBERLE, Jakub. Narrative, desire, ontological security, transgression: fantasy as a factor in international politics. **Journal of International Relations and Development**, v. 22, p. 243-268, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41268-017-0104-2> . Acesso 23 out. 2023.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Vestígio Editora, 2019.

FARIAS, Deborah Barros L.; CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. Radical Right Populism and the Politics of Cruelty: the case of covid-19 in Brazil under president Bolsonaro. **Global Studies Quarterly**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 1-13, 4 fev. 2022. Oxford University Press (OUP). DOI <https://doi.org/10.1093/isagsq/ksab048>.

FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023. 512 p.

FRANÇA, Leandro Ayres; ABREU, Carlos Adalberto Ferreira de. Algorithm-driven populism: An introduction: Populizm oparty na algorytmach. Wprowadzenie. **Archiwum Kryminologii**, n. XLIV/1, p. 229-251, 2021. Disponível em <https://ak.inp.pan.pl/index.php/ak/article/view/2296>. Acesso em 25 ago. 2023.

GALVIN, Daniel J. Party domination and base mobilization: Donald Trump and Republican Party building in a polarized era. **The Forum**. De Gruyter, 2020. p. 135-168. DOI <https://doi.org/10.1515/for-2020-2003>

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Cambridge, England: Polity Press, 1991.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

GOETHALS, George R. Donald Trump, perceptions of justice, and populism. **Leadership**, v. 14, n. 5, p. 513-523, 2018. DOI <https://doi.org/10.1177/1742715018793741>

GUEDES, Taís Moraes. **As redes sociais - Facebook e Twitter - e suas influências nos movimentos sociais**. 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/handle/10482/15245?locale=pt\\_BR](https://repositorio.unb.br/handle/10482/15245?locale=pt_BR). Acesso em: 20 jul. 2023.

GUILBEAULT, Douglas. Digital marketing in the disinformation age. **Journal of International Affairs**, v. 71, n. 1.5, p. 33-42, 2018. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/26508116>. Acesso em 20 mai. 2023.

GUO, Jeff. The four basic reasons that explain why Donald Trump actually is so popular. **The Washington Post**, 12 dez. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/12/12/the-four-basic-reasons-that-explain-why-donald-trump-actually-is-so-popular/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

HALPERN, Daniel; VALENZUELA, Sebastián; KATZ, James E. We face, I tweet: How different social media influence political participation through collective and internal efficacy. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 22, n. 6, p. 320-336, 2017. DOI <https://doi.org/10.1111/jcc4.12198>

HAMELEERS, Michael; BOS, Linda; DE VREESE, Claes H. “They did it”: The effects of emotionalized blame attribution in populist communication. **Communication Research**, v. 44, n. 6, p. 870-900, 2017. DOI <https://doi.org/10.1177/0093650216644026>

HAMELEERS, Michael. The populism of online communities: Constructing the boundary between “blameless” people and “culpable” others. **Communication Culture & Critique**, v. 12, n. 1, p. 147-165, 2019. DOI <https://doi.org/10.17645/pag.v8i1.2478> .

HAWLEY, George. **Making sense of the alt-right**. Columbia University Press, 2017.

HERSH, Eitan D. **Hacking the electorate: How campaigns perceive voters**. Cambridge University Press, 2015.

HOMOLAR, Alexandra; SCHOLZ, Ronny. The power of Trump-speak: populist crisis narratives and ontological security. **Cambridge Review Of International Affairs**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 344-364, 20 mar. 2019. Informa UK Limited. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/09557571.2019.1575796>.

HOMOLAR, Alexandra; LÖFFLMANN, Georg. Populism and the affective politics of humiliation narratives. **Global Studies Quarterly**, v. 1, n. 1, p. ksab002, 2021.

HOMOLAR, Alexandra. A call to arms: Hero–villain narratives in US security discourse. **Security dialogue**, v. 53, n. 4, p. 324-341, 2022.

HØNNELAND, Geir. **Borderland Russians: Identity, narrative and international relations**. Springer, 2010.

HU, Margaret. Cambridge Analytica’s black box. **Big Data & Society**, v. 7, n. 2, p.6, 2020. DOI <https://doi.org/10.1177/2053951720938091>

HUANG, Mark. Complete Trump Tweets Archive. 2020. Disponível em: <https://github.com/MarkHershey/CompleteTrumpTweetsArchive>. Acesso em: 05 jun. 2023.

HUSZÁR, Ferenc; KTENA, Sofia I.; O'BRIEN, Conor; BELLI, Luca; SCHHLAIKJER, Andrew; HARDT, Moritz. Algorithmic amplification of politics on Twitter. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 119, n. 1, p. e2025334119, 2022. DOI <https://doi.org/10.1073/pnas.2025334119>.

HUTCHISON, Hugh. Continuity and Change: Comparing the Securitization of Migration under the Obama and Trump Administrations. **PERCEPTIONS: Journal of International Affairs**, Istanbul, v. 25, n. 1, p. 81-98, 30 jun. 2020. DOI <https://dergipark.org.tr/en/pub/perception/issue/56044/769637>.

INGLEHART, Ronald F.; NORRIS, Pippa. Trump, Brexit, and the Rise of Populism: economic have-nots and cultural backlash. **Harvard Kennedy School Faculty Research Working Paper Series**, Cambridge, p. 1-52, jul. 2016. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2818659#](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2818659#). Acesso em: 25 jun. 2023.

JACOBY, Tami Amanda. A theory of victimhood: Politics, conflict and the construction of victim-based identity. **Millennium**, v. 43, n. 2, p. 511-530, 2015. DOI <https://doi.org/10.1177/0305829814550258>

KALKAN, Kerem Ozan. What differentiates Trump supporters from other Republicans? Ethnocentrism. **The Washington Post**, v. 28, 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/02/28/what-differentiates-trump-supporters-from-other-republicans-ethnocentrism/>. Acesso em 25 nov. 2023.

KALOYANOVA, Elitsa. PCA and K-Means Clustering in Python. 365 Data Science, 15 abr. 2024. Disponível em: <https://365datascience.com/tutorials/python-tutorials/pca-k-means/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

KAPLAN, Thomas J. The narrative structure of policy analysis. **Journal of Policy Analysis and Management**, v. 5, n. 4, p. 761-778, 1986. DOI <https://doi.org/10.1002/pam.4050050406>.

KENNY, Michael. Back to the populist future? Understanding nostalgia in contemporary ideological discourse. In: **Re-energizing Ideology Studies**. Routledge, 2018. p. 144-161. DOI [10.1080/13569317.2017.1346773](https://doi.org/10.1080/13569317.2017.1346773).

KIM, Young Mie; HSU Jordan; NEIMAN David; KOU, Colin; BANKSTON Levi, KIM Soo Yun; HEINRICH, Richard; BARAGWANATH, Robyn; RASKUTTI, Garvesh. The Stealth Media? Groups and Targets behind Divisive Issue Campaigns on Facebook. **Political Communication**, Vol. 35, Nº 4, 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/10584609.2018.1476425>.

KINNVALL, Catarina. Globalization and Religious Nationalism: Self, Identity, and the Search for Ontological Security. **Political Psychology**, [S.l.], v. 25, n. 5, p. 741-767, 3 set. 2004. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2004.00396.x>.

KINNVALL, Catarina. Ontological insecurities and postcolonial imaginaries: The emotional appeal of populism. **Humanity & Society**, v. 42, n. 4, p. 523-543, 2018. DOI <https://doi.org/10.1177/0160597618802646>.

KINNVALL, Catarina; MITZEN, Jennifer. Anxiety, fear, and ontological security in world politics: thinking with and beyond Giddens. **International theory**, v. 12, n. 2, p. 240-256, 2020. DOI: [10.1017/S175297192000010X](https://doi.org/10.1017/S175297192000010X).

KISSAS, Angelos. Performative and ideological populism: The case of charismatic leaders on Twitter. **Discourse & society**, v. 31, n. 3, p. 268-284, 2020. DOI <https://doi.org/10.1177/09579265198891>.

KITSCHOLT, Herbert; MCGANN, A.J. The contemporary radical right: an interpretative and explanatory framework. In: MUDDE, Cas. **The Populist Radical Right: a reader**. New York: Routledge, 2016. Cap. 19. p. 469-511.

KJELDGAARD-CHRISTIANSEN, Jens. The Voice of the People: Populism and Donald Trump's Use of Informal Voice. **Society**, p. 1-14, 2024. DOI <https://doi.org/10.1007/s12115-024-00969-7>.

KOSCHUT, Simon; HALL, Todd H.; WOLF, Reinhard; SOLOMON, Ty; HUTCHISON, Emma; BLEIKER, Roland. Discourse and Emotions in International Relations. **International Studies Review**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 481-508, 1 set. 2017. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/isr/vix033>. Disponível em: <https://academic.oup.com/isr/articleabstract/19/3/481/4049174?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 10 nov. 2023.

KRÄMER, Benjamin. Populist online practices: The function of the Internet in right-wing populism. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 9, p. 1293-1309, 2017. DOI <https://doi.org/10.1080/1369118X.2017.1328520>.

KRICKEL-CHOI, Nina C. State personhood and ontological security as a framework of existence: moving beyond identity, discovering sovereignty. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 37, n. 1, p. 3-21, 2024. DOI <https://doi.org/10.1080/09557571.2022.2108761>

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: An introduction to its methodology**. Sage Publications, 2018.

LACLAU, Ernesto. **On Populist Reason**. Verso, 2005.

LAING, R. D. **The Divided Self: An Existential Study in Sanity and Madness**. London: Pelican, 1960.

LEVINGER, Matthew. Love, fear, anger: The emotional arc of populist rhetoric. **Narrative and conflict: Explorations in Theory and Practice**, v. 6, n. 1, p. 1-21, 2017. DOI <https://doi.org/10.13021/G8ncetp.v6.1.2017.1954>

LIM, Merlyna. Freedom to hate: social media, algorithmic enclaves, and the rise of tribal nationalism in Indonesia. **Critical Asian Studies**, v. 49, n. 3, p. 411-427, 2017. DOI <https://doi.org/10.1080/14672715.2017.1341188>

LO, Clarence YH. Astroturf versus grass roots: scenes from early Tea Party mobilization. **Steep: The precipitous rise of the Tea Party**, p. 98-130, 2012. DOI <https://doi.org/10.1525/california/9780520274228.003.0005>

LÖFFLMANN, Georg. 'Enemies of the people': Donald Trump and the security imaginary of America First. **The British Journal of Politics and International Relations**, v. 24, n. 3, p. 543-560, 2022. DOI <https://doi.org/10.1177/13691481211048499>.

MACWILLIAMS, Matthew C. **The rise of Trump: America's authoritarian spring**. Amherst College Press, 2016.

MAZZUCATO, Mariana. The entrepreneurial state. **Soundings**, v. 49, n. 49, p. 131-142, 2011. DOI <https://doi.org/10.3898/136266211798411183>

MCBETH, Mark K. SHANAHAN, Elizabeth A.; ARNELL, Ruth J.; HATHAWAY, Paul L. The intersection of narrative policy analysis and policy change theory. **Policy Studies Journal**, v. 35, n. 1, p. 87-108, 2007. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1541-0072.2007.00208.x>.

MENDES, Marcos Vinícius Isaias. **Big tech firms and the politics of climate change: mapping the low-carbon vested interests of Alphabet, Amazon, Apple, Meta**. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Cap. 3. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/45429>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MERCER, Jonathan. Feeling like a state: Social emotion and identity. **International Theory**, v. 6, n. 3, p. 515-535, 2014. DOI <https://doi.org/10.1017/S1752971914000244>.

MILLER, Hugh T. Policy narratives: the perlocutionary agents of political discourse. **Critical policy studies**, v. 14, n. 4, p. 488-501, 2020. DOI <https://doi.org/10.1080/19460171.2020.1816483>

MINKENBERG, Michael. The renewal of the radical right: Between modernity and anti-modernity. **Government and opposition**, v. 35, n. 2, p. 170-188, 2014. DOI <https://doi.org/10.1111/1477-7053.00022>.

MISKIMMON, Alister; O'LOUGHLIN, Ben; ROSELLE, Laura. **Strategic narratives: Communication power and the new world order**. Routledge, 2014

MITZEN, Jennifer. Ontological security in world politics: State identity and the security dilemma. **European journal of international relations**, v. 12, n. 3, p. 341-370, 2006. DOI <https://doi.org/10.1177/1354066106067346>.

MITZEN, Jennifer; LARSON, Kyle. Ontological security and foreign policy. **Oxford research encyclopedia of politics**, 2017. DOI <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.458>

MOFFITT, Benjamin. How do populists visually represent 'the people'? A systematic comparative visual content analysis of Donald Trump and Bernie Sanders' Instagram accounts. **The International Journal of Press/Politics**, v. 29, n. 1, p. 74-99, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/19401612221100418>.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MUDDE, Cas. The Trump phenomenon and the European populist radical right. **Washington Post**, v. 26, 2015.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A very short introduction**. Oxford University Press, 2017.

MUDDE, Cas (ed.). **The Populist Radical Right: a reader**. London: Routledge, 2017. 859 p.

MUDDE, Cas. **The far right in America**. Routledge, 2018.

MUDDE, Cas. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Paidós, 2021.

NAGLE, Angela. **Kill all normies: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right**. John Hunt Publishing, 2017.

NARBONA, Juan. Digital leadership, Twitter and Pope Francis. **Church, Communication and Culture**, v. 1, n. 1, p. 90-109, 2016. DOI <https://doi.org/10.1080/23753234.2016.1181307>.

NEIWERT, David. **Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump**. Nova Iorque: Verso, 2017.

NIEBORG, David B.; HELMOND, Anne. The political economy of Facebook's platformization in the mobile ecosystem: Facebook Messenger as a platform instance. **Media, Culture & Society**, v. 41, n. 2, p. 196-218, 2019. DOI <https://doi.org/10.1177/0163443718818384>.

OLIVER, J. Eric; RAHN, Wendy M. Rise of the Trumpenvolk. **The Annals Of The American Academy Of Political And Social Science**, [S.L.], v. 667, n. 1, p. 189-206, 17 ago. 2016. SAGE Publications. DOI <https://doi.org/10.1177/0002716216662639>

OSTIGUY, Pierre; MOFFITT, Benjamin. Who would identify with an “empty signifier”? The relational, performative approach to populism. In: **Populism in global perspective**. Routledge, 2020. p. 47-72.

OTT, Brian L. The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement. **Critical studies in media communication**, v. 34, n. 1, p. 59-68, 2017. DOI <https://doi.org/10.1080/15295036.2016.1266686>

OTT, Brian L.; DICKINSON, Greg. **The Twitter presidency: Donald J. Trump and the politics of white rage**. Routledge, 2019.

PANAGOPOULOS, Costas; ENDRES, Kyle; WEINSCHENK, Aaron C. Preelection poll accuracy and bias in the 2016 US general elections. **Journal of Elections, Public Opinion and Parties**, v. 28, n. 2, p. 157-172, 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1441850>

PARISER, Eli. **The filter bubble: How the new personalized web is changing what we read and how we think**. Penguin, 2011.

PELINKA, Anton. Right-wing populism: Concept and typology. **Right-wing populism in Europe: Politics and discourse**, p. 3-22, 2013.

PEZZINI, Anderson. Mineração de textos: conceito, processo e aplicações. **Revista Brasileira De Contabilidade e Gestão**, v. 5, n. 10, p. 58-61, 2017. DOI <https://doi.org/10.5965/2764747105102016058>.

PINI, André Mendes. **Desinformação e Populismo de Radical de Direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016**. 2021. 302 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43448/1/2021\\_Andr%C3%A9MendesPini.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43448/1/2021_Andr%C3%A9MendesPini.pdf) f. Acesso em: 5 jun 2024.

PINI; André Mendes; FRIZERRA, Guilherme. A Rejeição a Barack Obama e a crescente influência da ultradireita no Partido Republicano (2008-2016). **Revista de Estudos Internacionais**, v. 15, n. 1, p. 67-88, 2023. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REI/article/view/2677/2389>. Acesso em: 19 jun. 2024.

RAHN, Wendy. Populism in the US: the evolution of the trump constituency. In: HAWKINS, Kirk A.; CARLIN, Ryan E.; LITTVAY, Levente; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **The Ideational Approach to Populism: concept, theory, and analysis**. New York: Routledge, 2019. p. 350-373.

REICHER, Stephen; HASLAM, S. Alexander. The politics of hope: Donald Trump as an entrepreneur of identity. **Why irrational politics appeals: Understanding the allure of Trump**, p. 25-40, 2017. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/the-politics-of-hope-donald-trump-as-an-entrepreneur-of-identity/>. Acesso em 13 abr. 2024.

RESTAD, Hilde Eliassen. What makes America great? Donald Trump, national identity, and US foreign policy. In: **The Trump Presidency**. Routledge, 2022. p. 19-34.

RICE, Thomas; UNRUH, Lyinn; GINNEKEN, Ewout; ROSENAU, Payuline; BARNES, Andrew J. Universal coverage reforms in the USA: from Obamacare through Trump. **Health Policy**, v. 122, n. 7, p. 698-702, 2018. DOI <https://doi.org/10.1016/j.healthpol.2018.05.007>

ROBERTS, Jeremy C. **The Populist Radical Right in the United States: lessons from Europe**. 2023. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Political Science, University Of Western Ontario, Ontario, 2023. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/9404/> . Acesso em: 2 set. 2023.

RODRÍGUEZ-POSE, Andrés; LEE, Neil; LIPP, Cornelius. Golfing with Trump. Social capital, decline, inequality, and the rise of populism in the US. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 14, n. 3, p. 457-481, 2021. DOI <https://doi.org/10.1093/cjres/rsab026>

ROSSDALE, Chris. Enclosing Critique: the limits of ontological security. **International Political Sociology**, [S.L.], v. 9, n. 4, p. 369-386, 20 nov. 2015. Oxford University Press (OUP). DOI <http://dx.doi.org/10.1111/ips.12103>.

RUMELILI, Bahar. [Our] age of anxiety: existentialism and the current state of international relations. **Journal of International Relations and Development**, v. 24, n. 4, p. 1020-1036, 2021. DOI <https://doi.org/10.1057/s41268-021-00226-y>.

RYDGREN, Jens. The sociology of the radical right. *Annual Review of Sociology*, v. 33, p. 241-262, 2007. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.33.040406.131752>.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. Edições Sesc, 2019.

SOARES, Bruna B. "America First": pensando enquadramentos discursivos da segurança ontológica na era Trump. **Nupri Working Paper**, São Paulo, p. 1-12, 16 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/81843>. Acesso em: 30 set. 2023.

SOARES, Bruna Bandeira. **BUILD THE WALL!: POLICYMAKING THROUGH AFFECT IN THE TRUMP ERA**. 2024. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Relações internacionais – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: [http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=65952](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=65952). Acesso em: 10 jun. 2024.

SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. **The Tea Party and the remaking of Republican conservatism**. Oxford University Press, 2016.

SKOLIMOWSKA, Anna. Identity Issue in International Relations: Constructivist Approach. **Athenaeum. Polskie Studia Politologiczne**, v. 56, p. 179-192, 2017. DOI <https://doi.org/10.15804/athena.2017.56.11>

SOLOMON, Ty. **The politics of subjectivity in American foreign policy discourses**. University of Michigan Press, 2015.

SOLOMON, Ty. 'I wasn't angry, because I couldn't believe it was happening': affect and discourse in responses to 9/11. **Review Of International Studies**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 907-928, 1 set. 2011. Cambridge University Press (CUP). DOI <http://dx.doi.org/10.1017/s0260210511000519>.

STANLEY, Liam; JACKSON, Richard. Introduction: Everyday narratives in world politics. *Politics*, v. 36, n. 3, p. 223-235, 2016. DOI <https://doi.org/10.1177/026339571665342>.

STEELE, Brent J.; HOMOLAR, Alexandra. Ontological insecurities and the politics of contemporary populism. **Cambridge Review Of International Affairs**, [S.l.], v. 32, n. 3, p. 214-221, 9 abr. 2019. Informa UK Limited. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/09557571.2019.1596612>.

STEELE, Brent J. **Ontological security in international relations: Self-identity and the IR state**. Routledge, 2008.

STOLEE, Galen; CATON, Steve. Twitter, Trump, and the base: A shift to a new form of presidential talk?. **Signs and society**, v. 6, n. 1, p. 147-165, 2018. DOI <https://doi.org/10.1086/694755>.

STAVRAKAKIS, Yannis; KATSAMBEKIS, Giorgos (ed.). **Research Handbook on Populism**. Cheltenham: Edward Elgar, 2024. 604 p.

TAGGART, Paul. New populist parties in Western Europe. **West European Politics**, v. 18, n. 1, p. 34-51, 1995. DOI <https://doi.org/10.1080/01402389508425056>.

TARROW, Sidney. **Movements and parties: critical connections in American political development**. Cambridge University Press, 2021.

THEOCHARIS, Yannis; BOULIANNE, Shelley; KOC-MICHALLSKA, Karolina; BIMBER, Bruce. Platform affordances and political participation: how social media reshape political engagement. **West European Politics**, p. 1-24, 2022. DOI <https://doi.org/10.1080/01402382.2022.2087410>

THORSON, Kjerstin; COTTER, Kelley; MEDEIROS, Mel; PARK, Chankyung. Algorithmic inference, political interest, and exposure to news and politics on Facebook. **Information, Communication & Society**, v. 24, n. 2, p. 183-200, 2021. DOI <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1642934>

TÔRRES, Jéssica Vieira. **Movimentos populistas contemporâneos nas ambiências digitais**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. DOI <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-19122023-162528>

TWITTER. An improved timeline for consumers and brands. 2016. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/a/2016/an-improved-timeline-for-consumers-and-brands](https://blog.twitter.com/en_us/a/2016/an-improved-timeline-for-consumers-and-brands). Acesso em: 27 de mai. de 2023.

UOL. Loja de departamento Macy's também rompe relação comercial com Donald Trump. São Paulo: UOL, 01 jul. 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2015/07/01/loja-de-departamento-macys-tambem-rompe-relacao-com-donald-trump.htm>. Acesso em: 17 jun. 2024.

VISCARDI, Janaisa Martins. FAKE NEWS, VERDADE E MENTIRA SOB A ÓTICA DE JAIR BOLSONARO NO TWITTER. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 59, n. 2, p. 1134-1157, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/01031813715891620200520>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/HWYM3LcW7yVtMY9ZbK8CWzs/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2022.

VERGARA, Camila. Populism as plebeian politics: Inequality, domination, and popular empowerment. **Journal of Political Philosophy**, v. 28, n. 2, p. 222-246, 2019. DOI <https://doi.org/10.1111/jopp.12203>.

WIDMAIER, Wesley. **Presidential Rhetoric from Wilson to Obama: Constructing crises, fast and slow**. Routledge, 2014.

WINTER, Aaron. Online hate: from the far-right to the ‘alt-right’ and from the margins to the mainstream. **Online othering: Exploring digital violence and discrimination on the web**, p. 39-63, 2019. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-12633-9\\_2](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-12633-9_2). Acesso em: 25 jun. 2023.

WHITEHEAD, Andrew L.; PERRY, Samuel L.; BAKER, Joseph O. Make America Christian again: Christian nationalism and voting for Donald Trump in the 2016 presidential election. **Sociology of religion**, v. 79, n. 2, p. 147-171, 2018. DOI <https://doi.org/10.1093/socrel/srx070>

WOJCZEWSKI, Thorsten. ‘Enemies of the People’: Populism and the Politics of (In) security. **European Journal of International Security**, v. 5, n. 1, p. 5-24, 2020. DOI <https://doi.org/10.1017/eis.2019.23>

ZEHFUSS, Maja. **Constructivism in international relations: the politics of reality**. Cambridge University Press, 2002.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. **Rio de Janeiro: Intrínseca**, p. 585, 2019.